

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO

Roberta Gassen da Silveira Silva

A COMPLEXIDADE DO FAZER PEDAGÓGICO:
APRENDER NA VIVÊNCIA DAS RELAÇÕES ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE

Santa Cruz do Sul

2012

Roberta Gassen da Silveira Silva

A COMPLEXIDADE DO FAZER PEDAGÓGICO:
APRENDER NA VIVÊNCIA DAS RELAÇÕES ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, linha de pesquisa aprendizagem, tecnologias e linguagens na educação da Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Gustsack
Co-Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Luisa Teixeira de Menezes

Santa Cruz do Sul

2012

Roberta Gassen da Silveira Silva

A COMPLEXIDADE DO FAZER PEDAGÓGICO:
APRENDER NA VIVÊNCIA DAS RELAÇÕES ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE

Esta Dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado; Área de Concentração em Educação; Linha de Pesquisa em Aprendizagem, tecnologias e linguagens na educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Dr. Felipe Gustsack
Professor Orientador – UNISC

Dr^a. Ana Luisa Teixeira de Menezes
Professora Co-Orientadora - UNISC

Dr. Cesar Hamilton Brito Goes
Professor Examinador - UNISC

Dr^a. Elisabeth Garcia Costa
Professora Examinadora - UNISC

Dr. Evaldo Luis Pauly
Professor Examinador - UNILASALLE

Santa Cruz do Sul

2012

Ao meu filho João Vitor, razão e emoção da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço com todo carinho aquelas pessoas que de alguma forma estiveram presentes e contribuíram nesta caminhada, principalmente aos meus pais Ronaldo e Rosane; meu filho João Vitor; meu marido João Batista; minha irmã Rafaela; Isinha, Maicol, Beto, Suzi, Suzete, Simone, Silvana, Heloisa, Fernando, Déti, Nilza, Camila, Tamires, Mara, Ângela, Mônica, Jocelaine, Nadir, Lisete, Jane, Márcio, Elisângela, Daiane, Jonice, Márcia, Carla, Fernando, Marli T. F, L. Marisa, Eva R., Gina, M^a Ivonete, Adriana, Adriane, Daniela, Juliana, Clarice, M^a. Elísia, Elisângela, Marli V, Flávia.

... aos meus Orientadores Felipe e Ana Luisa.

... aos professores César Hamilton, Elisabeth e Evaldo Luis.

... aos meus colegas do Mestrado.

... aos alunos, pais, educadores, profissionais e comunidade: da Vila Pinheiros, da cidade e do entorno.

...em especial a Susana, primeira mestra que com sua sabedoria, me chamou a atenção para ter um olhar atento às comunidades de aprendizagens.

...O inesperado surpreende-nos...

... o novo brota sem parar...

...Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado...

- Edgar Morin –

RESUMO

A pesquisa realizada nesta dissertação trouxe como título: A complexidade do fazer pedagógico: aprender na vivência das relações entre escola e comunidade. Com a problemática inicial busquei mostrar a caminhada de uma escola que vem se constituindo e se organizando na perspectiva de transformar as práticas e ações junto com o seu entorno. Para tanto foi necessário questionar o pesquisador coletivo em relação à: Quais aprendizagens emergem das relações sociais na escola e como são vistas por docentes e comunidade? Que estratégias ajudam a formar/constituir este espaço educativo, cujas relações e ações pedagógicas transcendem os limites de senso comum, da escola em si? Nesse sentido a complexidade do fazer pedagógico esteve relacionada ao aprender na vivência e nas relações com a escola, o entorno e a comunidade. Enquanto pesquisa teve como objetivo entender como vinculamos o entorno da escola às propostas pedagógicas e metodológicas, e as implicações disso nos processos de aprendizagem, para conhecer melhor a realidade em movimento social, cultural e educativa na qual estamos inseridos enquanto escola, dando visibilidade às relações sociais que contribuem para uma formação humana, para a aprendizagem de todas as pessoas que as vivenciam. Nesse sentido busquei dialogar com alguns educadores de uma escola municipal de Rio Pardo-RS, com a comunidade na qual a escola se insere (famílias, moradores, representantes comunitários) e com outros profissionais que contribuem ou já contribuíram com a educação a que nos propomos, para entender suas ações e estratégias adotadas na perspectiva de integração com as ações pedagógicas da escola, na qual exerço a função de supervisora, no momento. Além disso cito Morin, Moll, Saviani, Freire, Barbieri, Torres, Praxedes, Dias, Gallo, Abdalla, Deleuze, Escher, Gadotti, Vilarinho, Costa, Maturana, Freitas, Junior, Levischi como referenciais norteadores deste estudo que também retomou a filosofia da escola, refletindo acerca do seu sentido teórico e prático e em que medida a estamos concretizando em nosso processo pedagógico. Portanto, minhas observações mostraram que as relações da escola com o entorno vão se caracterizando e se estruturando de acordo com as demandas que chegam, com os problemas, com as necessidades, com os desafios a serem enfrentados. Nessa perspectiva propus uma pesquisa com os contornos de uma pesquisa ação, viabilizada por um pesquisador coletivo, mostrando algumas reflexões acerca da complexidade, do tecer junto, da inseparabilidade da razão e emoção, das situações limites e dos inéditos viáveis, das transformações das metodologias e dos modos de aprender, dos conceitos de comunidade de aprendizagem, ou seja, de um processo inacabado que é a educação.

Palavras-Chave: Educação; Complexidade; Aprendizagem; Relações; Comunidade.

RESUMEN

La encuesta trajo titulado: La complejidad de lo pedagógico: la experiencia de aprendizaje de la relación entre la escuela y la comunidad. Con la inicial problemático tratado de mostrar el camino de una escuela que se ha constituido y la organización de la posibilidad de transformar las prácticas y acciones junto con sus alrededores. Por lo tanto era necesario cuestionar el investigador en relación con el colectivo: ¿Qué aprendizajes emergen de las relaciones sociales en la escuela y cómo son vistos por los maestros y la comunidad? ¿Qué estrategias ayudan forma / formar este espacio educativo, cuyas relaciones y acciones pedagógicas trascender los límites del sentido común, la propia escuela? Así, la complejidad del aprendizaje pedagógico se relaciona con la experiencia y las relaciones con la escuela, el entorno y la comunidad. Mientras que la investigación tuvo como objetivo comprender cómo vincular los alrededores de la escuela para los enfoques pedagógicos y metodológicos, y las implicaciones en los procesos de aprendizaje, para comprender mejor la realidad en movimiento social, cultural y educativo en el que operamos como una escuela, dando visibilidad a las relaciones factores sociales que contribuyen a un ser humano, para el aprendizaje de todas las personas que los experimentan. En consecuencia buscó el diálogo con algunos educadores en una escuela pública de Río Pardo-RS, con la comunidad en que se encuentra la escuela (familias, residentes, representantes de la comunidad) y otros profesionales que contribuyen o han contribuido a la educación que proponemos para entender sus acciones y estrategias adoptadas en el contexto de la integración con las actividades educativas de la escuela en la que ejerzo una función de control en este momento. Además citar Morin, Moll, Saviani, Barbieri Freire, Torres, Práxedes, Dias, Gallo, Abdalla, Deleuze, Escher, Gadotti, Vilarinho, Costa, Maturana, Freitas, Junior, Levischi como puntos de referencia que guían este estudio, que también se reanudaron filosofía escuela, reflexionando sobre su sentido teórico y práctico y en qué medida estamos realizando en nuestro proceso educativo. Por lo tanto, mis observaciones mostraron que la relación de la escuela con el entorno se presenta y se estructura de acuerdo con las demandas que vienen con los problemas, las necesidades, los retos que hay que afrontar. Desde esta perspectiva, propuse una investigación describe una investigación-acción, posible gracias a una investigación colectiva, mostrando algunas reflexiones sobre la complejidad de la trama juntos, la inseparabilidad de la razón y la emoción, las situaciones y los límites de las metodologías inéditos viables y transformaciones modos de aprendizaje, los conceptos de comunidad de aprendizaje, es decir, un proceso que es la educación sin terminar.

Palabras clave: Educación, la complejidad, el aprendizaje, las relaciones, la comunidad

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 APRESENTAÇÃO..... | 09 |
| 2 CONHECENDO A ESCOLA..... | 19 |
| 3 DIÁLOGO COM OS AUTORES..... | 37 |
| 4 ESCOLA: TEMPO; ESPAÇO; CONTEXTO..... | 48 |
| 4.1 A comunidade: organização social e cultural..... | 51 |
| 5 RELAÇÕES DE APRENDIZAGEM COM A ESCOLA, A COMUNIDADE E O ENTORNO..... | 69 |
| 6 A COMPLEXIDADE DO FAZER PEDAGÓGICO..... | 91 |
| REFERÊNCIAS..... | 96 |

1 APRESENTAÇÃO

Pensar a educação no e para o século XXI significa relacionar muitas teorias, metodologias, paradigmas que se constituem enquanto uma parte das ciências correlacionadas com o humano modo de ser, agir e pensar cultural e socialmente. Significa entrar numa grande rede de conhecimentos aprendidos ao longo dos tempos, tentando relacionar e dialogar com as necessidades que se constituem e emergem a cada dia no interior e no entorno das escolas, que por sua vez constituem uma parte do campo da educação.

Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, idéias, teorias, discursos. A organização dos conhecimentos é realizada em função de princípios e regras [...] comporta operações de ligação (conjunção, inclusão, implicação) e de separação (diferenciação, oposição, seleção, exclusão). O processo é circular, passando da separação à ligação, da ligação à separação, e, além disto, da análise à síntese, da síntese à análise. Ou seja: o conhecimento comporta, ao mesmo tempo, separação e ligação, análise e síntese (MORIN, 2002, p. 24).

Com base nessa concepção de Morin, busquei dialogar com os educadores de uma escola municipal de Rio Pardo-RS, com a comunidade na qual a escola se insere (famílias, moradores, representantes comunitários) e com outros profissionais que contribuem ou já contribuíram com a educação a que nos propomos. Dentre esses profissionais destaco aqueles educadores relacionados a algum projeto ou programa educacional que chegam até a escola para desenvolverem suas atividades através de parcerias ou de relações sociais, cujo foco principal é contribuir para a educação.

O diálogo com os educadores e demais colaboradores buscou atender temática que se refere as aprendizagem que emergem com as relações sociais na escola. Nesse sentido produzimos um conjunto de reflexões acerca das relações, interpessoais e profissionais, que se estabelecem nesse contexto escolar e que tem um caráter educativo, não tratando-as, deste modo, como ações isoladas.

Por não se tratar de ações isoladas, foi necessário problematizar: “Quais aprendizagens emergem das relações sociais na escola e como são vistas por docentes e comunidade? Que estratégias ajudam a formar/constituir este espaço educativo, cujas relações e ações pedagógicas transcendem os limites de senso

comum, da escola em si?” Havia nestas discussões muito mais a ser questionado, considerando a objetividade dos questionamentos, mas a amplitude de diálogos que poderiam surgir a partir destas duas questões iniciais.

Entender como vinculamos o entorno da escola às propostas pedagógicas e metodológicas, e as implicações disso nos processos de aprendizagem tornou-se o objetivo geral desta pesquisa. Este objetivo nos remete a pensar que a escola de hoje é uma organização em constante movimento e que, ainda que muitas de suas estruturas permaneçam rígidas, existem práticas educativas, pautadas pelas relações desta com a comunidade, que flexibilizam os seus limites, tanto físicos quanto pedagógicos.

Parto da compreensão de que nas relações da escola ‘com’¹ o seu entorno se estabelecem vínculos, se reestruturam objetivos, se constroem ações que são fundamentais para que haja aprendizagem: transformações. E é na busca deste transformar-se que desenvolvemos nosso trabalho ao mesmo tempo em que nos desenvolvemos enquanto seres humanos.

Então, a reflexão que se faz nos remete a pensar na educação que desenvolvemos diariamente. De antemão é preciso contextualizar nossas práticas a partir de um perfil construído coletivamente, conforme encontrei numa das atas de registro documental da escola, portanto, transcrevo trechos desse perfil:

Ata nº 02/2003 – ...Começamos a traçar o perfil da escola. Uma direção dinâmica, presente, cautelosa, firme, relacionamento, ética, engajada, um bom trânsito com a comunidade escolar, sensibilidade, empatia... Uma supervisão envolvida com o pedagógico, coerente, permanente atualização, apoio aos professores, ética, bom relacionamento com a comunidade escolar, sensibilidade. Uma orientação mediadora, coerente, atualizada, dinâmica, bom relacionamento com a comunidade escolar, instrumentalizar a comunidade escolar. Os professores comprometidos com o trabalho, dedicação com os alunos e com a escola em geral, disponibilidade, ousadia, bom relacionamento, dinamismo, atualização, paciência, integração, saber trabalhar com “o diferente”, cautela.

Trago os registros destes perfis considerando ser importante para desenvolvemos nosso trabalho. Podemos entender melhor a constituição da escola e da comunidade. Saliento o relacionamento com a comunidade; a atualização e a

¹ Quando comecei a pensar esta proposta de pesquisa, lendo e debatendo textos que julgava pertinentes à temática que desejava pesquisar, chamou-me a atenção a recursividade das palavras: aquelas que surgiam e re-surgiam constantemente nos diálogos com colegas e professores. Eram elas: comunidade, complexidade, complementaridade. A partir delas, a partícula “com” tornou-se uma espécie de chave de leitura de mundo, um tipo de pressuposto às minhas reflexões, porque traduzia e tornava presente para mim o conceito de ‘inseparabilidade’ das coisas no mundo, segundo a perspectiva complexa (MORIN, 2002, p. 207-223).

sensibilidade como elementos importantes quando se trata de relações sociais na escola, para expressar uma caminhada que se constitui enquanto se transforma.

Quem são as pessoas que circulam nestes espaços, nesta comunidade, nesta escola? Que comunidade é essa? Que escola é essa? Quem faz a comunidade? Quem faz a escola? O que se vive nesse contexto? Como trabalhar a partir deste perfil? Se por um lado a dinamicidade da escola nos permite estar em constante questionamento, é preciso que estes questionamentos sirvam para que não percamos de vista nosso espírito investigativo, questionador, pesquisador, curioso e inacabado, assim como a escola, o humano, o universo.

Me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto de reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude (FREIRE, 1996, p. 136).

Compartilho com Freire a ideia de que enquanto docente precisamos viver a abertura ao diálogo, ao questionamento, saber-se inacabado. Por esta razão, por sentir falta de uma investigação mais detalhada, de um olhar mais complexo que em mim poderia ser transcendido busquei esta qualificação: o Mestrado em Educação.

Fazia algum tempo que estava afastada da universidade. Por três anos realizei somente cursos de formação continuada e mesmo assim foram bem poucos. Via um movimento na escola de colegas que voltaram a estudar depois de anos. Muitas buscaram a licenciatura plena e outras a especialização. Quando assumi minha nomeação no município já estava concluindo a especialização, o que de acordo com nosso plano de carreira é, até o presente momento o último nível que retorna financeiramente com um adicional.

Em outras palavras assumi minha nomeação recebendo os valores correspondentes ao nível três (último na escala do plano de carreira até o momento). Pensava comigo: “Será que vou conseguir, até me aposentar, não fazer nenhum outro curso?”

Pensando bem, não questionar, não refletir, não se colocar frente a dúvida traz um estado de conforto. Este estado de conforto para alguns faz muito bem,

porque não ameaça a própria condição. O que está dito, está dito! E nada pode ser feito! Não é esta condição que me constitui, logo voltei para universidade e ingressei no mestrado.

Entendo esta reflexão como algo que nos move, nos impulsiona a criticidade, o entendimento, o processo, a busca pela nova interrogação, o que justifica em certo sentido minha volta à universidade em 2010, os desafios a mim propostos quando passei a assumir a supervisão da escola em 2008 e os outros espaços por onde circulei neste período realizando novas experiências profissionais.

Pensando melhor o desafio, o questionamento, a dúvida, as incertezas, dar o processo como inacabado faz parte da minha natureza, como do meu trabalho em fazer as coisas diferentes, estar flexível às mudanças e imprevistos, me constituindo no processo, na medida em que o processo me constitui. Isso me leva a pensar nas aprendizagens que vou conquistando e o quanto preciso aprender ainda.

Lendo um dos registros documentais da escola encontrei um fato curioso: Ata nº 01/2003 - *“Um dos homenageados neste dia cumprimentou a todos e colocou da satisfação em estar presente na inauguração da escola, onde anteriormente seria construído um presídio...”*

Curioso pensar a comunidade hoje abrigando um presídio. Como seria a comunidade? A rotina? Os serviços prestados, a movimentação, a vida? Temos clareza ao longo dos anos das contribuições à comunidade a partir do trabalho educativo realizado. É uma construção coletiva que emerge das contribuições de cada um. Percebemos através dos registros as modificações da comunidade, do contexto local e das necessidades.

Você olha as fotos da comunidade e vê claramente a mudança das casas e das árvores que cresceram. A abordagem das famílias ao chegar à escola e o porquê vem até a escola, também mudou ao longo dos anos. Essas mudanças mostram um processo dinâmico de relações que se retroalimentam no mesmo contexto em que se constituem. Ou seja, o esforço de estudar as relações sociais entre escola e comunidade, a meu ver, se insere na busca pelas possibilidades de tornar as fronteiras da escola mais abertas, para que a educação possa vir a ser mais dialógica e, por isso mesmo, mais cooperativa.²

² A ideia de cooperação na qual me refiro também vai ao encontro da complexidade, do co-operar, ou seja, operar junto/com, definido por Morin, (2002).

Minhas observações mostraram que as relações da escola com o entorno vão se caracterizando e se estruturando de acordo com as demandas que chegam, com os problemas, com as necessidades, com os desafios a serem enfrentados. Isto, por sua vez, me leva a pensar no contexto desta escola e compreender que essa realidade não é única e exclusiva da escola em que atuo como professora e pesquisadora implicada.

Afinal, no dia a dia, compartilhamos situações que se fazem realidade também em outras escolas e comunidades. Ainda que não seja objetivo desta pesquisa aprofundar as dimensões dessa compreensão em outras escolas, vale mencionar esse fato para lembrar que esta caminhada não decorre somente do meu olhar de pesquisadora implicada no processo, sendo esse olhar compartilhado também por outros colegas professores, profissionais de outras áreas, meus orientadores e inclusive, com os comentários da banca.

Isso pode ser verificado pelo fato de que muitos dos educadores que circulam neste espaço também são educadores em outras escolas, de outras redes, de outros bairros; alguns são profissionais que também participam de outras atividades que não aquelas da escola, o que lhes permite também um distanciamento entre o espaço escolar de educação coletiva e o espaço social. O que (com)partilhamos entre nós, muitas vezes simboliza vivências semelhantes, embora em locais diferentes.

Vale destacar, nesse sentido, que pensar a educação a partir das necessidades da comunidade implica repensar também a escola, já que esta oferece alguns aportes e estruturas, mas, sozinha não dispõe de recursos para atender todas as necessidades apresentadas. Portanto, esta escola precisará de outras instituições, serviços, profissionais, indivíduos, grupos e ações da sociedade, que por sua vez, possam assumir junto com ela as funções educativas, o que justifica a importância dada neste projeto de pesquisa à comunidade como constituinte do projeto educativo.

É nesse sentido, de que a comunidade esteja *junto com* a escola em suas funções pedagógicas, que apresento o conceito de comunidade de aprendizagem (TORRES, 2001), como um modo de organização social que favorece a aprendizagem de todos, uma vez que parte das suas necessidades e pode, por isso mesmo, beneficiar a todos. Isso implica, tanto para a escola quanto para a

comunidade, pensar-se em um processo pedagógico constante e, por isso mesmo, transformador.

Assim, tanto para a instituição educativa quanto para a comunidade, tornam-se importantes as contribuições de cada indivíduo na medida em que sua auto-organização, sua aprendizagem nasce no contexto complexo e, portanto, constitui-se ao longo do processo de vivência em grupo, o que lhe atribui as características de uma aprendizagem na complexidade e no tecer junto (MORIN, 2002).

Nesse sentido, a pesquisa foi desenvolvida por mim, e também por um grupo de pessoas relacionadas à escola e à comunidade, composto por professores, funcionários, alunos, pais, outros educadores do entorno. O que constitui o que Barbier (2007) denomina de pesquisador-coletivo.

O pesquisador-coletivo é um grupo-sujeito de pesquisa constituído por pesquisadores profissionais e por membros, que gozam de todos os privilégios (mas particularmente implicados), da população vinculada à investigação participativa [...] Trata-se de encontrar, na população [...] as pessoas mobilizadas, os líderes de opinião suficientemente interessados em uma ação ligada a reflexão [...] É no âmago do pesquisador coletivo que são delineadas as estratégias de intervenção [...] sua função de dinâmica pedagógica em estreita ligação com a pesquisa-ação [...] é primordial (2007, p. 103-104).

A metodologia escolhida aproxima o universo teórico da visão de Barbier (2007) ao universo coletivo de pesquisa na qual faço parte, como sujeito participante de um grupo maior que pesquisa junto, ao mesmo tempo em que realiza suas ações pedagógicas na escola e aproxima-se a comunidade que educa. Portanto a discussão metodológica de pesquisa-ação com base em Barbier (2007), difere de outras correntes teóricas e metodológicas que também abordam o mesmo enfoque central – pesquisa-ação.

Assim constituído o grupo pesquisador, tracei alguns objetivos específicos de investigação que nortearam esse processo de pesquisa, de natureza qualitativa e com os contornos da pesquisa-ação, nos quais:

- Dialogar com educadores, profissionais do entorno e comunidade para entender suas ações e estratégias adotadas na perspectiva de integração com as ações pedagógicas da escola;
- Conhecer melhor a realidade em movimento social, cultural e educativa na qual estamos inseridos enquanto escola;

- Retomar a filosofia da escola, refletindo acerca do seu sentido teórico e prático e em que medida a estamos concretizando em nosso processo pedagógico;
- Dar visibilidade às relações sociais que contribuem para uma formação humana, para a aprendizagem de todas as pessoas que as vivenciam;
- Mostrar a caminhada de uma escola que vem se constituindo e se organizando na perspectiva de transformar as práticas e ações junto com o seu entorno.

Estes objetivos ao se dimensionarem dentro de um contexto de pesquisa nortearam minhas buscas às respostas de que precisava. Ao tecê-las inevitáveis foram os novos questionamentos e o quanto cada interrogação mostrava o processo de modificação pessoal, profissional, de relacionamentos e do quanto à palavra aprendizagem estava relacionada com as relações sociais nesta concepção de escola e educação.

O diálogo com os educadores que fazem a educação possível nesta escola, também se constituiu da tentativa de saber quais são seus olhares perante o processo educativo. Esses olhares chegaram até mim através de inúmeras conversas, observações, registros escritos, gravações. Chamo atenção para o olhar atento do pesquisador coletivo e o meu olhar enquanto pesquisadora neste grupo, por ter vivenciado e registrado momentos de diálogos, tendo papel e caneta sempre “a mão”, podendo com uma câmera gravar e fotografar, sabendo que, mesmo não estando presente, haveriam registros feitos pelo pesquisador coletivo que marcam nossas vivências.

Trata-se, conforme Morin,

de procurar sempre as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre as partes [...] de reconhecer por exemplo a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana (2002, p. 25).

Esta proposta, a meu ver, exigiu uma abordagem metodológica com os contornos de uma pesquisa-ação, porque se gerou dados com estes sujeitos (pesquisador-coletivo) fundamentado por Barbier (2007), problematizado-os e debatidos, considerando que no espaço escolar, a aprendizagem e as relações sociais são processos dinâmicos. Ou seja, refletimos acerca das relações que se

configuram como educativas com as pessoas envolvidas nesse processo, com vistas às ações e as estratégias necessárias às transformações da escola, da comunidade, do grupo e de nós mesmos.

Para tanto estruturei esta dissertação em capítulos nos quais, pude dialogar com os fundamentos teóricos norteadores da complexidade, trazendo nestes diálogos as contribuições do pesquisador-coletivo, da banca examinadora, de meus orientadores e as minhas reflexões a partir destes contextos. Isso me leva a pensar em quantas pessoas se envolvem e quantas ações emergem de um questionamento? No sentido de ver refletido nestas relações a aprendizagem que reverbera e volta para si mesmo.

No capítulo 1 Apresentação: Faço uma abordagem em relação ao tema, problema, objetivos, justificativa e metodologia, apresentando, dialogando e situando os contornos desta pesquisa; No capítulo 2 Conhecendo a Escola: busco delinear o campo de pesquisa, mostrando um pouco da estrutura, do contexto, do perfil da escola e da comunidade; No capítulo 3 Diálogo com os Autores, procuro mostrar a perspectiva teórica em que esta pesquisa se dá; No capítulo 4 Escola: Tempo; Espaço; Contexto e 4.1 Comunidade: organização social e cultural, busco, refletir e dialogar com as questões relacionadas a escola e a comunidade, para no Capítulo 5 Relações de Aprendizagem com a Escola, a Comunidade e o Entorno, abordo mais profundamente as questões: relações e aprendizagens vivenciais complementando e finalizando a pesquisa com o Capítulo 6 A Complexidade do Fazer Pedagógico, que traz entre outras reflexões as contribuições mais específicas do pesquisador coletivo, apresentando os dados gerados nesta pesquisa ação.

Embora faça parte de um sistema, gerido, problematizado e polemizado, a escola em alguns momentos assume caráter autônomo e faz suas escolhas. Portanto, a partir de uma escola concreta, em pleno funcionamento no séc XXI, que atende aos requisitos do próprio sistema, tenho a oportunidade de refletir questões fundamentais que fazem parte do próprio pensar a educação atual. E com isso ressignificar meus próprios conceitos enquanto educadora. Assim é no exercício da reflexão, nas implicações da ação e da pesquisa que busquei novos horizontes ao mesmo tempo em que faço parte de um grupo-pesquisador e faço parte de um sistema.

Finalizando, penso ser relevante dizer que esta pesquisa-ação, ao se constituir, não se voltou somente para a realidade desta escola, desta comunidade e

do entorno que educa. Muito mais do que isso, faz-se necessário, nos dias de hoje, conhecermos melhor a realidade (em movimento) social, cultural e educativa na qual estamos inseridos, para que tenha sentido nosso fazer pedagógico. Esse sentido é potencializado quando entendemos este espaço como um espaço dinâmico e complexo.

“Um trabalho tem sentido para uma pessoa quando ela o acha importante, útil e legítimo”.

(Edgar Morin)

2 CONHECENDO A ESCOLA

A escola de onde partiu esta pesquisa está situada no município de Rio Pardo, localizada na Vila Pinheiros, bairro este chamado anteriormente de Loteamento Barro Vermelho. Hoje são aproximadamente trezentas famílias que residem na comunidade, que está crescendo cada vez mais. Não há saneamento básico e algumas crianças que estudam na escola possuem bolsa família e/ou são atendidos por outros programas sociais e assistenciais, conforme os relatórios e registros documentais encontrados na escola.

Existe um posto de saúde, mantido pela Secretaria Municipal de Saúde que atua na comunidade e possibilita o acesso aos serviços médicos, odontológicos e grupos preventivos. Todas as famílias são atendidas por agentes de saúde. Cada agente é responsável por uma micro-área e atende um grupo fixo de moradores. Embora exista na comunidade este posto de saúde, o que vemos diariamente, não é contrário da realidade de outros bairros/municípios: muita demanda para o quadro em funcionamento; busca tardia por alguns atendimentos; imprevisibilidade da existência de um médico efetivo; atendimento para algumas especialidades, não para todas; encaminhamentos para o posto central em alguns casos; desvalorização dos profissionais que lá trabalham, por parte da própria comunidade.

Na comunidade também há uma sede da Pastoral da Criança, onde são feitos trabalhos com a comunidade. Também há atendimentos para as crianças menores de 6 anos através do Programa Primeira Infância Melhor (PIM). Constatamos também a presença de algumas igrejas e em se tratando desta comunidade, muitas ações sociais (campanhas, doações, auxílios,...) realizadas no município são destinadas a esta comunidade e famílias.

Hoje são aproximadamente duzentos e cinquenta alunos atendidos pela escola, que funciona nos turnos da manhã, tarde e noite. Oferece-se na educação infantil a pré-escola; no ensino regular até o 7º ano e Ensino Fundamental Completo na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Em termos de estrutura física a escola tem quatro salas de aula, um banheiro feminino e um banheiro masculino, um bebedor, uma sala de direção, supervisão e orientação, uma biblioteca que também comporta a sala de professores e o projeto do laboratório de informática (em fase de estruturação), uma cozinha com duas mesas de oito bancos e uma secretaria que também divide o espaço com o xerox e

armários que guardam a merenda dos alunos. Não há quadra ou campo de esportes adequado, neste caso, as práticas de educação física ou atividades lúdicas no pátio dependem do clima para se realizar. Embora a escola já tenha sido totalmente cercada, com o tempo, deteriorização e furto da tela, hoje a escola é um espaço vulnerável a vândalos, por este motivo foi colocado alarme na tentativa de preservar internamente a estrutura que temos.

Apresento nas fotos a seguir parte da estrutura física da escola, como uma forma de visualizarmos o espaço educativo inicial por onde esta pesquisa circulou. De fato podemos fazer inúmeras reflexões a partir de cada cena, porém, minhas intenções são de mostrar este espaço escolar inicial e como nos organizamos para atender a demanda. Chamo atenção não somente para estrutura, mas o que a partir dela pode ser adaptado, nesse sentido comportando dentro de um mesmo espaço físico, diferentes situações nas quais a convivência e as inconstâncias são presentes.



Fotos 01,02,03 e 04 – Entrada da escola, pátio da frente e entrada da escola.

Fonte: Acervo fotográfico da escola



Foto 05 - Quadra de Esportes
Fonte: Acervo fotográfico da escola



Foto 06 - Cozinha e Refeitório
Fonte: Acervo fotográfico da escola



Foto 07 - Banheiro e Local para guardar materiais de Educação Física
Fonte: Acervo fotográfico da escola



Foto 08- Sala de Reuniões, Biblioteca, Sala dos Professores e
Laboratório de Informática
Fonte: Acervo fotográfico da escola.



Foto 09– Sala da Direção, Supervisão e Orientação

Fonte: Acervo fotográfico da escola.



Fotos 10 e 11– Salas de Aula

Fonte: Acervo fotográfico da escola.

Como a estrutura física da escola não é muito grande, precisamos nos adaptar constantemente. Isso provoca uma série de movimentos e, portanto, definir uma rotina pré-estabelecida na ocupação de cada espaço é possível, porém, adaptações e mudanças já fazem parte desta rotina e isso, faz com que a convivência nas relações sejam mais dinâmicas. Se estivéssemos em uma estrutura física isolada para cada setor, talvez as relações ocorressem de outras maneiras. Com isso percebo os contatos, diálogos, conflitos, laços, envolvimento,

aproximações, satisfações e insatisfações, sentimentos, emoções, discussões teóricas, reflexões acerca da educação e dos profissionais da educação e muitas incertezas nas ações e reações que poderão existir na convivência nestes espaços.

Ao trazer as relações sociais para reflexão, tendo como cenário as vivências de um espaço educativo no século XXI é uma forma de mostrar que alguns paradigmas, conceitos e pré-conceitos podem conviver num mesmo tempo na escola e na sociedade. A reflexão que eu faço, convivendo neste espaço é que cada vez mais o fazer “com” vai ganhando espaço no contexto social e educativo. Para tanto, exemplos de que a escola ficou parada no tempo ou que a escola não acompanha a sociedade, pelas vivências que estão me constituindo enquanto educadora, vejo que não é bem assim.

Se nossas estruturas físicas ainda não são amplas, é preciso que se conheça parte do bairro, também para entender que tipos de alunos, famílias, culturas e vivências podemos aproximar a este contexto educativo. Ao observar algumas fotos do bairro é importante refletirmos acerca do tempo, espaço e contexto em que ele se insere e também relacioná-lo a escola, que em sua proposta educativa busca dialogar e se aproximar desta comunidade, já que dela vem os alunos e conseqüentemente suas famílias, que moram no bairro. Recursivas são as vivências da escola com a comunidade.





Fotos 12 – 19– Vista parcial da comunidade.

Fonte: Fotos tiradas pela pesquisadora

Estas fotos mostram um pouco do contexto vivido pela comunidade. Para tanto as crianças que chegam até a escola, circulam neste espaço diariamente porque é ali que suas famílias vivem. São cenários que de antemão dão a ideia de muitas dificuldades vivenciais. A rua sem esgoto, calçamento e iluminação; os lixos nos pátios; a grande circulação de pessoas; quando chove o chão vira barro; casas

humildes de madeira ou tijolo. Um contexto que não é diferente dos outros bairros de periferia da nossa cidade ou de qualquer outra cidade.

Existem sim muitas necessidades, mas nas relações sociais da comunidade com a escola, hoje estabelecidas mostram que houve um aprendizado coletivo de diálogo, aceitação, convivência. As famílias participam mais da escola e com isso não quer dizer que não existam conflitos ainda. Há muito para ser feito, mas com o entendimento que estes feitos serão potencializados com o coletivo.

Um exemplo desta necessidade coletiva, parte do conhecimento do perfil de alunos que a escola recebe. Quando houve entendimento de que se vivia neste espaço diferentes situações pedagógicas e que era preciso buscar novos conhecimentos e novas formações, os professores buscaram qualificação em diferentes áreas através das formações continuadas. Motivados por interesses pessoais e profissionais, cada um buscou sua complementação curricular profissional. Mas as reflexões que eu faço são: Até que ponto os profissionais não estão preparados para atender a demanda? Os professores não estão qualificados? Os professores pararam no tempo?

Reflexões estas que me motivaram a buscar o perfil docente da escola, apresentado no quadro nº 01 que mostra de forma resumida o grau de escolaridade dos docentes e equipe gestora da escola.

| QUANTIDADE | FUNÇÃO | HABILITAÇÃO |
|------------|---------------|--|
| 1 | Diretor | Especialização |
| 2 | Orientadora | Especialização |
| 1 | Supervisora | Mestrado em Educação em andamento |
| 2 | Bibliotecária | Graduação |
| 1 | Secretária | 2 Graduações e 1 Especialização em andamento |
| 1 | Professor (a) | Graduação em andamento |
| 6 | Professor (a) | Graduação completa |
| 3 | Professor (a) | Especialização em andamento |
| 5 | Professor (a) | Especialização completa |
| 2 | Professor (a) | Mais de uma especialização |

Quadro 1 – Perfil da equipe diretiva e professores quanto à formação docente.

Fonte: Documento da escola elaborado pelo diretor da mesma referente à efetividade do mês de abril, onde consta a formação/qualificação de cada docente.

Observando o Quadro 1 percebemos que a formação docente apresenta qualificação em nível de graduação em andamento, como primeira escala em relação aos demais níveis. Isto nos leva a perceber que há busca pelo conhecimento e informação na mesma proporção em que as estratégias para que isso ocorra, qualifiquem o quadro funcional não só da nossa escola, mas da educação nacional.

Com relação às especialidades que circulam na escola através do quadro funcional, percebo as iniciativas do grupo em se qualificarem nas diferentes áreas de conhecimento. Isto porque existe uma grande demanda na escola de diversos campos da educação que precisam ser mais aprofundados e conhecidos, considerando a dinamicidade do processo pedagógico e as mudanças sociais e contextuais que chegam até a escola.

De fato as contribuições coletivas advindas das especialidades e áreas de cada docente contribuem para o diálogo, entendimento, planejamento e avaliação da proposta de trabalho a que nos propomos.

Nesse sentido apresento no quadro nº 02 as diferentes habilitações docentes que contribuem para educação na escola, mesmo que algumas ainda em fase conclusão. Este quadro mostra de forma descritiva as habilitações nas quais os docentes apresentam. Considera-se para maiores entendimentos que um mesmo docente pode apresentar mais de uma habilitação, portanto, os valores encontrados nos quadros nº 1 e nº 2 não terão o mesmo resultado final.

| Quantidade Docente | Habilitação |
|--------------------|--|
| 12 | Magistério * |
| 3 | Técnico em Contabilidade |
| 9 | Licenciatura em Pedagogia |
| 3 | Licenciatura em Letras |
| 3 | Licenciatura em Matemática |
| 2 | Licenciatura em Ciências Físicas e Biológicas |
| 4 | Licenciatura em Estudos Sociais – História – Geografia |
| 2 | Licenciatura em Educação Física |
| 1 | Licenciatura em Química |
| 1 | Administração |
| 1 | Engenharia Civil |

| | |
|---|---|
| 3 | Especialização em Pedagogia Gestora |
| 1 | Especialização em Interdisciplinaridade |
| 2 | Especialização em Psicopedagogia e Orientação Educacional |
| 2 | Especialização em Gestão Escolar/ Supervisão Escolar |
| 1 | Especialização em Educação Física |
| 1 | Especialização em Língua Inglesa |
| 1 | Especialização em Matemática |
| 1 | Especialização em Mídias na Educação |
| 1 | Especialização em Neuropsicopedagogia |
| 1 | Especialização em História |
| 2 | Especialização em Orientação Educacional |
| 1 | Mestrado em Educação (em andamento) |

Quadro 2 – Perfil da equipe diretiva e professores quanto à formação docente.

Fonte: Documento da escola elaborado pelo diretor da mesma referente à efetividade do mês de abril, onde consta a formação/qualificação/habilitação de cada docente.

* Apesar do quadro docente apresentar formação mínima em Graduação em andamento, foi considerada a habilitação magistério (no ensino médio) como primeira etapa que qualifica o professor(a) a desenvolver suas atividades na escola, portanto, relevante ao aparecer neste quadro.

Foi considerado no quadro 2 as diferentes habilitações que os docentes e equipe diretiva apresentam. Isto significa dizer que não é somente um acúmulo de títulos, mas, fundamentalmente as diferentes áreas que cada um buscou e que compõe a qualificação do grupo que atua na escola. Como o grupo é formado a partir do conhecimento de diversas áreas da educação existe um conhecimento amplo que reflete na escola positivamente e não se encerra nestas habilitações, considerando que o quadro docente busca constante atualização através das formações continuadas.

Essas atualizações além das habilitações adquiridas através das formações em graduação, especialização, aperfeiçoamento e mestrado são complementados por cursos de formação continuada presenciais e a distância. Conforme o interesse dos docentes e as possibilidades de oferta em cursos, seminários, palestras, congressos, fóruns e eventos, buscamos participar adequando a rotina da escola de forma a ter atendido os interesses dos docentes. Não é somente uma argumentação via legislação que ampara a qualificação docente conforme a LDB 9394/96 que especifica:

Art 62 - § 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e

a capacitação dos profissionais de magistério; § 2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância.

Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;

Art. 87. É instituída a Década da Educação, a iniciar-se um ano a partir da publicação desta Lei.

§ 3º O Distrito Federal, cada Estado e Município, e, supletivamente, a União, devem:

III - realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isto, os recursos da educação a distância;

Mais do que uma argumentação legal é preciso entender que se faz necessária a pesquisa, a busca pelo novo conhecimento, a qualificação, a atualização. Se as vivências são dinâmicas e a escola é um espaço de vivências, é preciso acompanhar essa dinamicidade, não a interpretando como modismos teóricos, mas, como estratégias para acompanhar o desenvolvimento da sociedade. Portanto, é válido salientar que, para que a qualificação ocorra é preciso o interesse docente e também o planejamento da escola e dos sistema de ensino para que os mesmos possam se qualificar.

Então como organizar esse processo de formação/qualificação concomitante com a rotina de trabalho?

Houve um momento histórico na educação em que se estabeleceu elevar o nível de qualificação docente, considerando a falta de profissionais licenciados e também os baixos níveis de habilitação docente. Essa discussão abrange reflexões maiores e se justifica através de diversos argumentos históricos, de concepções e até mesmo de constituição da própria categoria docente. Com a reformulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996 houve mudanças significativas em relação à proposta educacional nacional. Mais do que isso, com a globalização foi preciso propor algumas medidas para tentar resolver situações de imediato, a médio e a longo prazo.

No entanto com as mudanças nacionais/globais, os Estados e Municípios precisaram mexer em seus planejamentos voltados a educação. De 1996 até hoje alterações significativas ocorreram, como: a proposta da Educação Básica, a democratização e o acesso aos níveis mais elevados de ensino, os financiamentos, os conselhos, a ampliação da oferta e da obrigatoriedade do ensino fundamental.

Isso mexeu também com a situação vivida em cada município/Estado. Foi preciso adequar os planejamentos, investir em formações continuadas e buscar parcerias entre os poderes e instâncias. Nesse sentido, a médio prazo foram se reorganizando as estruturas até chegarmos ao que temos hoje. Criticamente ainda não somos modelo e exemplo de organização e investimento em educação, apesar de termos algumas iniciativas que mereçam reconhecimento e atenção.

Com estas transformações, o município foi se reestruturando. E como não foge a regra nacional, ainda tem muito a melhorar e se adequar, porém, é fato que em 2008 houve a reformulação do plano de carreira municipal. Este novo plano estimulou e impulsionou a busca por qualificação. Além disto, a oferta de auxílios nas mensalidades de cursos de graduação e pós graduação também se tornou um diferencial atrativo na ampliação dos conhecimentos, já que financeiramente haveria retorno futuramente. Ou seja, através da legislação nacional entrelaçada com a legislação municipal ampliaram-se as oportunidades para a categoria docente.

Havendo oportunidades a escola precisou se reestruturar. Os docentes que passaram a investir na carreira, na formação e na atualização provocaram um novo movimento e novos olhares em relação às práticas e organização do cotidiano. Aí se estabelecem novas relações e entendimento de que é um grupo pesquisando, buscando, se reconfigurando no próprio ato de voltar a estudar. Isso mexeu com toda escola. Não foram buscas isoladas. Sentimo-nos participantes e envolvidos nas pesquisas que foram feitas na escola, partindo de vários docentes em diferentes momentos, o que complementa a idéia desta pesquisa em tratar de um grupo pesquisador – pesquisador coletivo.

Um relato bastante significativo e que cabe expressar aqui aconteceu no ano de 2011. Foi proposto pela secretaria municipal de educação um curso de formação continuada aos professores dos anos iniciais e dos anos finais (matemática e português). Foi sugerido utilizar as horas atividades para realização do curso. Estas horas atividades são aquelas em que o professor utiliza para planejamento e que pode ocorrer dentro ou fora da escola, conforme cada instituição organiza.

A organização que se estabeleceu na escola foi de preservar estas horas atividades e não alocar na grade de horários os professores que estavam fazendo a formação no dia da semana em que esta ocorria. Organizamo-nos assim porque construímos um entendimento de que haveriam trabalhos para serem feitos a distância, projetos e relatórios. Além disso, o que ocorre em muitas ocasiões em

cursos a médio prazo (considerando que seria um ano de formação, com encontros quinzenais) é o abandono e a não conclusão da formação.

Se a escola ao se organizar proporciona ao docente as condições e o planejamento destas atividades dentro de sua rotina de trabalho, significa dar importância a uma formação que traz ganhos tanto para o docente quanto para escola. De fato isso reverbera no questionamento em relação às práticas e metodologias vivenciadas na sala de aula. Além disso, ao proporcionar as condições necessárias ao docente, é preciso a contrapartida do mesmo. Isso acontece com a não desistência da formação e com as mudanças de entendimento em relação as práticas adotadas até então. Nesse sentido o conjunto de ações proporciona equilíbrio na organização e planejamento da rotina da escola e contribui para aprendizagem coletiva.

Quando não há estrutura, organização, planejamento e entendimento das ações construídas no coletivo, os ganhos potencialmente viáveis ficam em segundo plano. Os objetivos iniciais se tornam pouco difundidos e práticas que poderiam qualificar a aprendizagem do grupo, acabam ocorrendo de forma isolada, não atendendo e complementando os desejos iniciais da pesquisa, prática e qualificação.

Entre outros modos de organizar as vivências da escola, contamos com o entorno que educa para complementar as práticas pedagógicas necessárias a aprendizagem dos alunos e da comunidade. Diante das necessidades da escola e de adequações a legislação nacional, estadual e municipal há serviços e ações disponíveis no município que complementam as ações educativas que somente a escola não compete atender.

Um dos exemplos que trago para reflexão se dá em relação ao atendimento de alunos com necessidades educacionais especiais. Se na escola não há estrutura viável e adequada e os alunos com alguma implicação, não significa que ficaremos de mãos amarradas pedagogicamente. É nesse momento que a escola transcende seu espaço físico local e assume seu lugar social, de ser mais um dos espaços da cidade que educa.

No caso prático do cotidiano, a estrutura que contamos estão entrelaçadas com os serviços oferecidos pelo Programa Saúde da Família, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, Centro de Atendimento Municipal Educacional Especializado, Centro de Atenção Psicossocial Infantil, já que na própria escola não contamos com uma sala de recursos e atendimento multidisciplinar integral. Para

tanto a rede se amplia. Destes espaços são proporcionados atendimentos específicos em outras cidades, com especialistas que muitas vezes não atuam neste município. As parcerias com as outras secretarias municipais e instituições são de grande valia quando pensada nas dimensões que alcançam.

Nesse sentido, vale destacar que através de encaminhamentos, muitas vezes a longo prazo há retorno para escola de laudos. Estes são de extrema importância para que nossas práticas pedagógicas sejam elaboradas de acordo com as devidas especificidades e respaldo. Embora seja uma situação comum na maioria das escolas públicas esta falta de estrutura no local, buscamos “com o entorno” alternativas viáveis de atendimento, considerando a dinamicidade do processo de aprendizagem e adequações conforme a demanda.

Este trabalho, em que a escola se mobiliza para utilizar os serviços disponíveis no município, caracteriza-se pelo entorno da escola não restrito somente ao espaço onde a escola se localiza na comunidade da Vila Pinheiros, mas configurando aí uma parte do entorno que auxilia no processo da “comunidade que educa”.

Nessa proposta pedagógica buscamos oferecer aos alunos atividades e projetos complementares ao currículo como: projeto de inglês, educação física, ciências naturais, biblioteca, coral, artes, contemplando algumas turmas e de forma gradativa conforme o ano/série. Aqui não é uma abordagem somente do plano curricular. Torna-se uma questão de vivências que constituem as práticas curriculares e ao mesmo tempo as transcende. Abrir a escola para comunidade e obter dela reconhecimento é um processo lento, gradativo, constitutivo.

Constituímos nossas práticas na medida em que constatamos que o processo precisa ser modificado, questionado e melhor adequado. Um exemplo é a forma em que o grupo veio amadurecendo a concepção de avaliação. As estratégias criadas para atender as novas necessidades, quando emergem dos diferentes olhares que se complementam, ganham dimensões mais amplas. Assim nossa avaliação é constituída em conjunto com direção, supervisão, orientação, professores que trabalham nas turmas; de acordo com o regimento escolar que especifica: *“processo contínuo e cumulativo priorizando os aspectos qualitativos em relação aos quantitativos”*.

Neste processo, salienta-se a busca pela participação efetiva dos pais/responsáveis, pois o entendimento a que se chega é que em se tratando de

educação, a família e a escola devem estar juntas neste processo. Aos alunos se oferecem oportunidades diferenciadas conforme suas necessidades, potencialidades e desafios. Avaliamos cada um de acordo com seu crescimento, rendimento, individualidade, enquanto pessoa em formação, tendo o cuidado para que os instrumentos avaliativos tragam as informações necessárias para que se compreenda o perfil de cada aluno. Criticamente se modificou os instrumentos, a complementação das informações e registros passou e se efetivar pelo grupo, porém ainda precisa de adequações relevantes em relação ao processo de avaliação e a escrita desta avaliação.

Nossas metodologias de trabalho individuais se diferem, porém, sem desrespeitar a individualidade docente, em vários momentos nos reunimos para planejar, elaborar e realizar ações. Ao longo dos anos tem sido incorporadas práticas, transformando nosso perfil individual em um perfil coletivo, ou seja, através do diálogo, do entendimento, da compreensão, da cooperação, do profissionalismo buscamos cooperar uns com os outros no dia-a-dia. De forma geral a escola vem apresentando mudanças significativas e reconhecidas pela comunidade e sistema municipal que a mantém.

Por exemplo, hoje a escrita de um parecer descritivo é feita “com” os professores, orientadora, supervisora, “com” base no histórico da criança, “com” todas as implicações que ela demonstra. Conhece-se a criança, a família, os lugares que frequenta sua casa, sua situação (afetiva, cognitiva e psicomotora). É uma tentativa de construção coletiva do perfil desta criança, que vai sendo registrada. Agregam-se em alguns casos os pareceres das outras instituições que frequenta ao ser encaminhada pela escola ou família, quando se constata alguma necessidade específica. Agrega-se a estes registros, sua trajetória escolar expressa em trabalhos e do próprio diálogo entre os educadores. Não se trata de estereotipá-la. Não significa que está fadada ao fracasso ou sucesso. Pensa-se no processo desta criança, na sua individualidade, no seu crescimento, na sua potencialidade e nos seus limites.

Perceber que estas mudanças repercutem positivamente na sociedade local, tornando-nos um grupo mais forte, que se sente valorizado e que busca cada vez mais “estar preparado” para os desafios que enfrenta rotineiramente é um exercício diário. Este exercício, em que, muitas vezes nossa própria condição vem à tona, mostra a diversidade de pensamentos, idéias, relações e sentimentos que nos

marcam: às vezes ferem e às vezes acalmam. Isso porque faz parte da natureza humana: o sentimento e a possibilidade de expressar neste meio as satisfações e insatisfações.

Ao relatar as vivências do grupo pesquisador na escola, estando eu no interior da mesma, não distancio minha pesquisa da minha função educativa. Faço parte da escola desde 2008 atuando na supervisão e como docente no ano de 2007. Ao longo deste período, vemos uma escola em constante busca pelo trabalho com qualidade.

Uma educação de qualidade diante tantas situações adversas. Portanto, um dos motivos que me levou a pesquisar este e neste espaço se deu através das mudanças e transformações que ocorreram na escola ao longo dos anos, principalmente com relação à busca da co-letividade³, do fazer em conjunto, do complementar idéias, da co-operação em si e das relações que se re-figuraram.

Para se chegar a esta concepção coletiva expressa no parecer, precisamos reconsiderar formas, objetivos, a escrita, a direção dos encaminhamentos. Neste “fazer com”, como uma estratégia, pudemos dialogar mais sobre nossas próprias vivências no decorrer dos períodos letivos. Este diálogo, fundamental na escola faz com que nos impliquemos mais ainda no processo. Faz com que tenhamos maior dimensão do nosso trabalho. Reforça nossos laços, ainda que tenhamos concepções diferentes e até mesmo divergentes.

Para 2012 pretendemos iniciar um novo ciclo que necessariamente contará com todas as transformações que tivemos até aqui, principalmente as que se referem ao perfil do grupo de trabalho, seus vínculos e relações. Trata-se da reformulação do projeto pedagógico e regimento escolar. O projeto pedagógico vigente foi válido até o fim de 2011, o que implica adequarmos o documento para o próximo triênio. Estas adequações, feitas pelo pesquisador coletivo (docentes, família, comunidade) não desconsideram o documento anterior, pelo contrário, voltam-se a ele, para ajustar a escrita as nossas práticas e intenções pedagógicas do presente e perspectivas futuras.

³ Uso as denominações CO, COM, CON em destaque para chamar a atenção a respeito das palavras nas quais estou utilizando e que fazem parte do contexto desta pesquisa em relação ao “tecer junto” e um pesquisador coletivo. É com esta diversidade que proponho pensar as aprendizagens e as relações sociais que se estabelecem na escola, com a escola, no entorno, com o entorno, portanto, não se trata da origem, conceito ou definições destas palavras.

Quanto ao regimento escolar, serão adequações na estrutura do documento que data de 2002. Muitas transformações ocorridas na educação nestes dez anos (2002/2012) sofreram alterações nacionais, municipais e globais. Isto quer dizer que neste ano, na rede municipal serão criadas formas coletivas de pensar tais reformulações, adequando-as ao sistema vigente, respeitando os panoramas nacionais e municipais, mas também, indo ao encontro das necessidades locais, possibilitando às escolas adequarem via regimento parte de suas vivências e necessidades. Portanto o processo coletivo em que estas ações acontecerão, mostram mais uma vez a importância do conhecimento e participação do coletivo e do entorno.

É importante salientar este momento, pois, é um período em que nos concentramos em refletir acerca do nosso trabalho e das nossas propostas, e como estamos realizando nossas práticas. É um momento em que ouvimos da comunidade seus anseios e necessidades também⁴. Por esta razão e aproveitando este momento de mudanças e transformações, busquei selecionar alguns dados gerados pelo pesquisador coletivo. Dados estes via fotos, gravações, vídeos, textos e observações as quais nortearam as reflexões de pesquisa desta dissertação, com o entendimento de que muitos dos materiais que selecionei foram gerados ao longo da caminhada desta escola na comunidade.

⁴ Este é mais um dos momentos em que a comunidade é chamada, pois, já faz parte de nossa rotina na escola tomar algumas decisões de acordo com as necessidades do grupo e não só pela determinação da gestão.

“A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”.

(Paulo Freire)

3 DIÁLOGO COM OS AUTORES

Há inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, por outro lado, realidade ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários (MORIN, 2002, p. 13).

Diferentes dimensões desta pesquisa foram fundamentadas nos conceitos da complexidade (MORIN, 2003), da comunidade de aprendizagem (TORRES, 2001 e MOLL, 2009), da perspectiva metodológica tradicional e das transformações nos modos de aprender (SAVIANI, 2008), do conceito de educação popular, do inédito viável e das situações limites (FREIRE, 1997), bem como no conceito de pesquisa-ação como aporte metodológico (BARBIER, 2007), entre outras referências posteriores.

A palavra complexidade aparece na história e cujas raízes e definições são interpretadas e datadas em diferentes épocas e origens. O conceito de complexidade abordada por Morin (2003, p. 44) é entendida como

o que é complexo recupera, por um lado, o mundo empírico, a incerteza, a incapacidade de se atingir a certeza, de formular a lei eterna, de conceber uma ordem absoluta. A primeira vista complexidade é um tecido de elementos heterogêneos inseparavelmente associados.

Quando se trata de um conjunto de elementos heterogêneos podemos entendê-lo nas mais diversas ordens das ciências. Poderíamos pensar nos elementos que não se misturam, Mas quando se trata de educação, escola, aprendizagem, penso que não há como separar certos elementos como o humano dotado de suas razões e sentimentos; o espaço escolar inserido na sua realidade e comunidade; as problematizações e dúvidas constantes em relação ao processo educativo e os diversos sentidos da aprendizagem; as relações que se estabelecem entre educadores na escola e com os demais profissionais. Por isso trabalhar com a idéia de comunidades de aprendizagem abordada por TORRES (2001) e MOLL (2009).

Trata-se de um estudo que potencialmente amplia a discussão em relação às transformações ocorridas na escola, ao longo dos anos. Nesse fazer pedagógico são desencadeadas inúmeras relações nas quais movidas pelos questionamentos, nos remetem a pensar e a fazer nosso trabalho, não de forma isolada e nem

desconectada de sua realidade. Quando há o questionamento e a dúvida, nos assumimos como processo inacabado, mas que, necessariamente busca respostas, pois se trata de uma escola que acontece aqui e agora, portanto, precisa decidir o que fazer.

Nessas tomadas de decisões Freitas (2004) retoma os conceitos já mencionados por Freire (1997) em que “as situações limites” provocam e mobilizam o próprio grupo a pensar no próximo passo, ou pelo menos, colocam em dúvida constante, o que está sendo feito. Complementando, “inéditos viáveis”, nos permitem fazer o que ainda não foi feito, dentro de um planejamento possível.

A estas relações penso ser oportuno caracterizá-las como relações sociais. Estas relações sociais na escola provocam e mobilizam a aprendizagem de um grupo, assim

a escola é um espaço público para a convivência fora da vida privada, íntima, familiar. Ao nos capacitarmos para a convivência participativa na escola, participamos de um processo de aprendizagem que também nos ensina como participar do restante da vida social. A escola como esfera pública democrática pode possibilitar a capacitação de pais, alunos e educadores para a participação na busca de soluções para os problemas da escola, do bairro, da cidade, do Estado, do País e da vida da espécie humana no Planeta (PRAXEDES, 2004).

O autor menciona a questão da participação na vida social. Traz os pais, alunos, educadores. Provoca o pensar nos problemas⁵ e por assim dizer, nas soluções viabilizadas com a participação de um coletivo. Necessariamente as relações se fazem e se constituem na busca por uma aprendizagem coletiva, já que o espaço escolar está para este fim.

Durante o processo de pesquisa percebi inúmeros exemplos de situações limites transformando-se em inéditos viáveis. A diversidade de aprendizagens em diferentes dimensões, muitas vezes transcendendo os objetivos de imediato. Estes objetivos nos quais a escola busca estruturar numa concepção de currículo e de vivências que o complementa.

Portanto, mesmo que inicialmente exista a intenção pedagógica, as ações em si acabam influenciando o contexto e o próximo passo será dado num conjunto de novas aprendizagens e ações. Esse processo pode ser chamado de aprendizagem coletiva, pois as dimensões do que foi aprendido dificilmente podem ser mensuradas, considerando as tantas outras possibilidades viáveis.

⁵ Compreendo problemas como interrogações constantes, questionamentos, aquilo que nos provoca a pensar na ação/reflexão seguinte.

Ilustrando um pouco destas aprendizagens, vivências e ações nas quais não podemos medir seus limites busquei no acervo fotográfico da escola, diferentes situações vividas ao longo dos anos. Estas imagens nos levam a pensar no quanto é complexo aprender sobre aprendizagem e o quanto é complexo a aprendizagem da complexidade.

Na sequência são seis fotos. Uma atividade realizada em 2008 envolvendo pais, alunos, professor, comunidade. Observe os movimentos, as expressões faciais e corporais, as diferentes movimentações pelo espaço físico, as diferentes idades dos participantes. O que mais, aos olhos da complexidade visualizamos?



Foto 28: Dinâmica – Professor, Alunos e Pais
Fonte: Acervo fotográfico da escola, 2008

“No ser humano, o desenvolvimento do conhecimento racional-empírico-técnico jamais anulou o conhecimento simbólico, mítico, mágico ou poético” (MORIN, 2005, p. 59).



Foto 29: Dinâmica – Professor, Alunos e Pais
Fonte: Acervo fotográfico da escola, 2008

“O ser humano é complexo e traz em si, de modo bipolarizado, caracteres antagonistas: sapiens e demens; faber e ludens; empiricus e imaginarius; economicus e consumans; prosaicus e poeticus” (MORIN, 2005, p. 58).



Foto 30: Dinâmica – Professor, Alunos e Pais
Fonte: Acervo fotográfico da escola, 2008.

“Somos seres infantis, neuróticos, delirantes e também racionais. Tudo isso constitui o estofo propriamente humano” (MORIN, 2005, p. 59).



Foto 31: Dinâmica – Professor, Alunos e Pais
Fonte: Acervo fotográfico da escola, 2008

“O rizoma rompe com a hierarquização [...] são múltiplas as linhas de fuga e portanto múltiplas as possibilidades de conexões, aproximações, cortes e percepções” (GALLO, 2008, p. 78).



Foto 32: Dinâmica – Professor, Alunos e Pais
Fonte: Acervo fotográfico da escola, 2008

A sustentação da vida resulta de um movimento permanente de criação entre homens e mulheres em permanente estado de encontro, em que as ações de complementação entre todos resulta em algo inédito. É impossível criar sem cooperar. E a vida perde a graça entre aqueles que se encontram envolvidos na competitividade do cotidiano: os rostos tornam-se amargos, a pele se enrijece à espreita de todo o susto, os corpos já não dançam mais (DIAS, 2002, p. 18).



Foto 33: Dinâmica – Professor, Alunos, Pais e Avós.
Fonte: Acervo fotográfico da escola, 2008

“Não é possível conceber uma sociedade humana sem relações de troca. O intercâmbio entre as pessoas e entre os grupos faz parte da essência concreta da humanidade e é ele que caracteriza a dimensão coletiva do ser humano” (ABDALLA, 2002, p. 126).

Ainda que complexas as percepções iniciais e reflexivas acerca das imagens, as situações e as aprendizagens vividas por cada um, abrem novas possibilidades ao pensamento e a ação. Muito além das técnicas e dinâmicas, incertas são as reações humanas. Portanto, na existência do caos, na ordem e na desordem, nos abrimos ao novo, ao desconhecido, as sensações e vivências que nos tornam aprendizes de nós mesmos, do e no mundo.

Assim a caminhada da escola se faz. Entre metodologias e práticas estabelece-se o novo. “O surgimento do novo não pode ser previsto, senão não seria novo. O surgimento de uma criação não pode ser conhecido por antecipação, senão não haveria criação” (Morin, 2005, p. 81). Como saber o resultado final a ser exposto antes mesmo da criação?



Foto 34: Atividade coletiva em sala de aula

Fonte: Acervo fotográfico da escola, 2008.

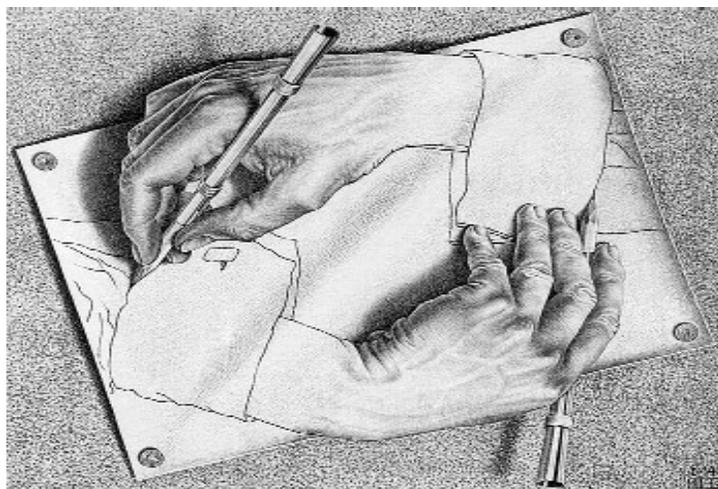
Se por um grande período a ciência desconsiderou o corpo que aprende em prol de uma racionalidade que enaltece as mentes, foi possível superar, comprovar e transcender as explicações reducionistas que os desvinculavam. Ainda que não seja uma crítica metodológica é preciso compreender as diferentes dimensões da aprendizagem, principalmente a aprendizagem da criação, do coletivo, da ampla visão e da incerteza.

Observando a foto nº 34 não há como antecipar o resultado final da criação, muito menos prever o diálogo entre os criadores. Os movimentos realizados pelos corpos externados durante o processo só acontecem no próprio movimentar-se, assim como o pensamento no pensar, a aprendizagem no aprender.

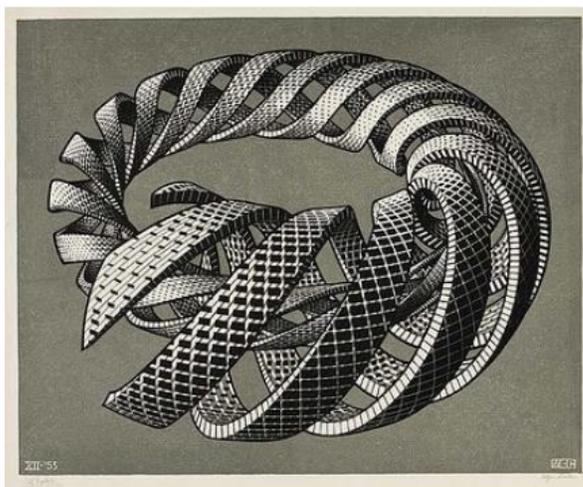
Recursivamente rizomática a aprendizagem que nos constitui também é aquela que potencialmente poderá desabrochar a partir daquilo que já aprendemos, ganhando assim novos movimentos, formas e possibilidades. Portanto, no equilíbrio e no desequilíbrio, na ordem e no caos, nas situações limites e nos inéditos viáveis, no previsível e no imprevisível, nas certezas e nas incertezas, no que sabemos e no que não sabemos exploramos novos universos que se abrem ao novo aprender.

Observando as cinco crianças que aparecem na foto nº 34 e a distribuição pelo espaço físico em que se organizaram para realizar o desenho, a imagem espiral se configura, naquilo que potencialmente seria um círculo fechado se houvesse a presença de mais um elemento. O que me chama atenção é a disposição pelo

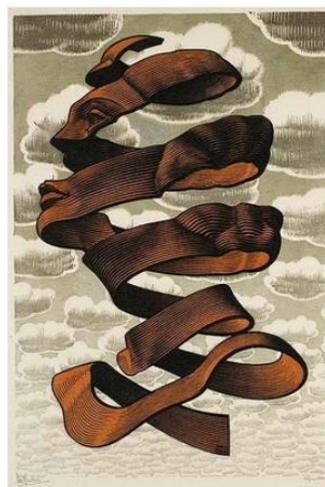
espaço, a abertura existente entre duas crianças e os corpos em movimento dispostos pelo chão, remetendo-nos a ideia do espiral e do rizoma, já que existe abertura física entre os corpos. Esta foto me inspira a buscar algumas obras de Escher (1898 – 1972) que dimensionam as ideias rizomáticas (Deleuze) e de recursividade (Morin).



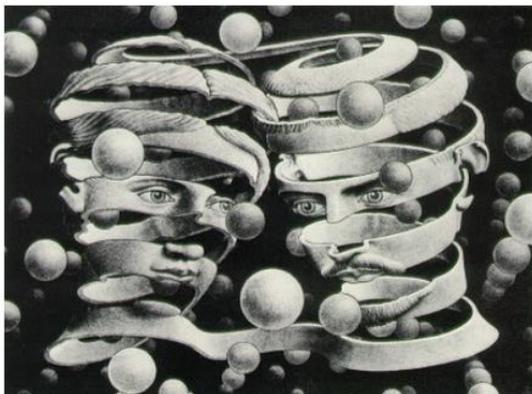
Mãos desenhando - 1948



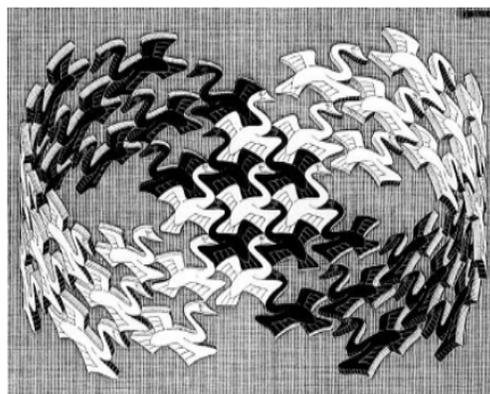
Spirals – 1953



Rind – 1955



Bond of Union - 1956



Swans – 1956

Fonte: <http://blogillustratus.blogspot.com.br/2011/10/m-c-escher.html>

Se pensarmos no quanto são atuais estas obras, para ilustrar parte da dimensão complexa, em que a aprendizagem não se constitui num processo fechado, podemos tanto refletir a respeito das metodologias tradicionais quanto das transformações dos modos de aprender. Com isso a escola tem a liberdade de propor num mesmo espaço de tempo, diferentes práticas pedagógicas que tanto fazem parte de um contexto tradicional, quanto de um contexto transformador a luz complexidade.

Na escola as possibilidades de organização do espaço físico, tanto podem colaborar para o encontro com o outro no processo de aprendizagem, quanto podem isolar cada um em seu processo sem que haja o contato com o outro, como apresentado na foto nº 35 e 36



Foto 35: Alunos EJA



Foto 36: Alunos EJA

Fonte: Acervo fotográfico da escola, 2011.

A reflexão nesse sentido motiva-se para questão do encontro com o outro ampliando as possibilidades de um aprender coletivo e individual. Se pensarmos nos diversos modos de organização escolar hoje existente, poderíamos dizer que esta diversidade não está somente para os tipos de metodologias empregadas nestas organizações, mas entender que, de fato se a escola é um espaço social e coletivo de aprendizagem e nela circulam pessoas que vivem o presente, significa dizer que a escola não é a mesma escola do século passado, mesmo que sejam empregadas metodologias tradicionais.

O ponto de interrogação fundamental está em perceber que o ser humano, a sociedade, o contexto, as necessidades, o tempo, as ações, os desejos e as concepções mudaram. E essas mudanças tornam a escola um espaço dinâmico. Aquilo que hoje se configura como um achado de ponta, a mais moderna das criações, será ultrapassada na mesma proporção em que o tempo vai passando e as novas pesquisas desconstituindo conceitos. Então, se há possibilidade de explicação para o significado da aprendizagem num contexto mais amplo e complexo, poderíamos dizer então que está no constituir e desconstituir conceitos, portanto aprendizagens porque existem dualidade no próprio processo de aprendizagem, que motiva e impulsiona a uma nova interrogação, que pode vir a desencadear uma nova direção tornando-a um novo conhecimento.

Nesse sentido os diferentes modos e perspectivas de aprendizagem na escola não comportam mais uma única direção metodológica que a define como tradicional, construtiva ou complexa. Assim é na possibilidade de vivenciar ambas metodologias que a escola vem se tornando um espaço cada vez mais importante na sociedade. Não só porque ela tem um peso social elevado na formação e na educação das pessoas, mas porque consegue dimensionar as vivências do presente em situações de aprendizagem e conhecimento.

Se por um lado o século XX nos trouxe grandes reflexões acerca da ciência racional, penso que neste início do século XXI temos a oportunidade de nos voltarmos aos princípios básicos de sobrevivência, que viabilizada pelo coletivo transforma-se uma responsabilidade global. Portanto não é somente de responsabilidade da escola ou da família a educação e a formação de uma pessoa, mas passa a ser responsabilidade social as alternativas que se encontram para construir esta educação.

“Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda”.

(Paulo Freire)

4 ESCOLA: TEMPO; ESPAÇO; CONTEXTO

A escola não é só um espaço físico. É, acima de tudo, um modo de ser, de ver. Ela se define pelas relações sociais que desenvolve. E, se quiser sobreviver como instituição, precisa buscar o que é específico dela. A escola não pode mudar tudo e nem pode mudar a si mesma sozinha. Ela está intimamente ligada à sociedade que a mantém. Ela é, ao mesmo tempo, fator e produto da sociedade (GADOTTI, 2007, p. 12).

Se a escola é ao mesmo tempo fator e produto da sociedade, existe uma ambigüidade na sua existência. Ao pensar a escola nesse sentido atendemos aos princípios⁶ de retroatividade, recursividade, autonomia/dependência, dialógico e de reintrodução do sujeito cognoscente em todo conhecimento (MORIN, 2003, p. 35). Mais do que isso, trata-se de um espaço alocado num tempo e que remete a um contexto na sua própria existência.

Generaliza-se a escola, o tempo e o espaço escolar, aplicando-se conceitos universais e unilaterais através de teorias, paradigmas e metodologias. Com toda informação existente na humanidade é necessário que se faça uma reflexão acerca daquilo que realmente se insere de forma geral e aquilo que é próprio de cada espaço escolar.

As atribuições de cada grupo, por exemplo, mostram os diferentes exercícios que realizam no desenvolvimento destas aprendizagens, por assim dizer, os alunos estão na escola para um fim; diferente dos fins dos professores e equipe diretiva e da comunidade. Embora a aprendizagem seja o foco, as responsabilidades de cada grupo variam de acordo com a posição que assumem, mesmo sendo um processo que modifica a estrutura de cada um.

Nesse sentido, ao contrário das generalizações, podemos pensar em situações semelhantes, parecidas, compartilhadas. Podemos pensar em teorias, paradigmas e metodologias que podem ou não se sustentar. Como as possibilidades são muitas, nossas experiências e práticas mostram que a aprendizagem envolvida neste processo se torna bem mais ampla e complexa, quando, mesmo assumindo lugares e posições diferentes, há envolvimento de ambas as partes: grupo-indivíduo e indivíduo-grupo, indivíduo-indivíduo, grupo-grupo.

Trata-se, portanto de uma estrutura em rede que depende das relações sociais para se concretizar e que ao mesmo tempo, tais relações provocam

⁶ Princípios metodológicos que configuram uma guia para um pensar complexo.

aprendizagens nas quais são complicadas de se quantificar, embora saibamos que existam. Através de exemplos podemos pensar nestas questões, refletindo sobre o que, quem, como, quando e porque se aprende?

Por isso pensar no tempo da escola hoje. Inclusão, projetos de trabalho, interdisciplinaridade, coletividade, com a compreensão de que é um retorno ao que já foi um dia: a existência não fragmentada. Portanto, mesmo que o conceito de interdisciplinaridade reúna maiores possibilidades que a própria disciplina, ela (a disciplina) é a base, e portanto, a ciência aqui entendida como aquilo que junta o que estava separado.

A meu ver a própria separação reduz para explicar, quando a explicação está na amplitude, e, portanto, na complexidade, muito além do que qualquer metodologia ou teoria reducionista.

Em primeiro lugar o estatuto semântico⁷ e epistemológico⁸ do termo “complexidade” não se concretizou ainda [...] podemos afirmar que o discurso sobre a complexidade é um discursos que se generaliza cada vez mais a partir de diferentes vias, já que existem múltiplas vias de entrada a ela (MORIN, 2003, p. 52).

Portanto o cuidado em salientar a questão das generalizações. Uma abordagem muito ampla, com muitas vias como a complexidade, pode traduzir uma falsa idéia de que se pode relacionar tudo a todos, o que não é o caso. Mas pensar insistentemente, de que escola, aprendizagem e relações sociais em que estamos falando? Complementando com os fazeres pedagógicos, que em se tratando de escola justificam suas razões de ser e acontecer.

⁷ Semântica é o estudo das significações das palavras (VILARINHO, 2011).

⁸ A epistemologia, também chamada teoria do conhecimento, é o ramo da filosofia interessado na investigação da natureza, fontes e validade do conhecimento. Entre as questões principais que ela tenta responder estão as seguintes. O que é o conhecimento? Como nós o alcançamos? Podemos conseguir meios para defendê-lo contra o desafio cético? Essas questões são, implicitamente, tão velhas quanto a filosofia, embora seu primeiro tratamento explícito seja o encontrado em Platão (427-347 AC), em particular no *Theaetetus*. Mas primordialmente na era moderna, a partir do século XVII em diante - como resultado do trabalho de Descartes (1596-1650) e Locke (1632-1704) em associação com a emergência da ciência moderna - que a epistemologia tem ocupado um plano central na filosofia. Tradução de Paulo Ghiraldelli Jr. O texto foi traduzido de Grayling, A. C. Epistemology. Bunnin and others (editors); The Blackwell Companion to Philosophy. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers Ltd, 1996.

Paralelo ao contexto da escola, da comunidade e o que ela oferece, também são fatores a serem explorados em cada local, estas possibilidades e limites. O entendimento que o grupo docente faz das suas necessidades e as alternativas que buscam para desenvolver e qualificar suas propostas fazem parte de uma nova/velha organização escolar.

Não se aprende somente dentro de uma sala de aula. Embora muitos acreditem quem ainda é assim e legitimam esta condição a aprendizagem. Reforça-se ai o entendimento e a valorização que se dá para esta simbologia: escola/sala de aula como lugar de aprender. Se o tempo mudou, mudando o contexto e a realidade, que alternativas buscamos para adequar o tempo em que passamos na escola, como docentes, potencializando os diferentes saberes, já que não somos mais os únicos recursos e fontes de informação?

A este questionamento é preciso que se reflita sobre a própria estrutura cultural na qual nos inserimos, nossas organizações sociais, nossas concepções de comunidade, junto as concepções de educação. De forma isolada a escola não teria razão de sua existência, já que propõe a educação coletiva, organizada, dentro de um tempo específico e um espaço determinado, obrigatório conforme a legislação nacional vigente⁹. Mais do que um simples espaço de reprodução do conhecimento já existente, vivenciamos hoje no mundo globalizado o excesso de informações que ocorrem simultaneamente. A escola e ao professor cabem transformar em conhecimentos aquilo que acreditam ser pertinente, na condição de que o que foi aprendido por alguém, assume caráter único.

Podemos chegar ao mesmo nível de raciocínio, compreendendo as mesmas fórmulas, fazendo as mesmas descrições. Porém o processo é individual, como a aprendizagem é. Embora possamos viver na mesma comunidade e termos os mesmos recursos, aquilo que será internalizado por cada um na sua experiência de aprender é que, como uma digital, torna-se única. Portanto, afirmo que tanto nossas digitais quanto nossas aprendizagem, se dão de maneira complexa, embora sejam individuais.

Mesmo sendo complexas e individuais estas aprendizagens, o que sabemos é fruto do conhecimento de uma organização social e cultural, que se organiza de modo a preservar os conhecimentos adquiridos pela humanidade. A saber, a

⁹ A escola deve ser freqüentada obrigatoriamente no Ensino Fundamental por crianças e adolescentes de 6 a 14 anos, conforme a Lei de diretrizes e bases da educação nacional n° 9394/96.

linguagem, a comunicação, os conceitos de cada palavra dando a dimensão das simbologias que exprimem através do diálogo e da escrita, aquilo que o outro está tentando se fazer entender, fazem parte de uma organização social e cultural.

4.1 Comunidade: organização social e cultural

Sabemos que tanto a comunidade quanto a escola, como um espaço organizado socialmente, não é dotada de espontaneidade e de um consenso único e unilateral. A própria organização entorno daquilo que é comum, já dimensiona um fator determinante, que garante ao grupo um sentimento de pertencimento e, portanto, uma zona de conforto coletivo, em meio a regras e princípios nos quais o próprio grupo cria. A esta situação denominamos cultura, aquilo que vai sendo reproduzido através das gerações, principalmente descendentes. Até um tempo atrás, pouco se visualizava as mudanças das tradições de uma geração para outra. Hoje, já não é mais assim, parcialmente influenciando no próprio termo “comunidade”, como sendo “redes sociais”. Nesse sentido ao me referir a comunidade a entendo como o local onde a escola está inserida, as famílias que moram naquela localidade, as pessoas que circulam por aquele espaço e as ações realizadas naquele contexto.

Novamente comunidade (entorno do comum) e redes (um emaranhado de nós, nos quais permite muitos caminhos), entendidos na perspectiva da sociedade se tornam sinônimos quando pensadas nas necessidades do humano em não viver sozinho. Dotado de uma “razão”, atribuem ao coletivo (criado por ele mesmo) uma série de normas e regras que prevalecem anterior aos desejos individuais, portanto, não é livre, nem espontâneo, embora comum a quem os legitima.

É importante salientar que todo tipo de grupo, comunidade, sociedade é fruto de uma árdua e constante *negociação* entre preferências individuais. Exatamente por essa razão, o fato de estarmos cada vez mais interconectados uns aos outros implica que tenhamos de nos confrontar, de algum modo, com nossas próprias preferências e sua relação com aquelas de outras pessoas. E não podemos esquecer que tal negociação não é nem evidente nem tampouco fácil. Além disso, o que chamamos de preferências “individuais” são na verdade fruto de uma autêntica construção coletiva, num jogo constante de sugestões e induções que constitui a própria dinâmica da sociedade (COSTA, 2005, p. 236).

As grandes diferenças que encontramos não estão mais alocadas num espaço fechado, demarcado por um território, língua ou crença. Ganha espaço e reforça-se a cada dia através da internet, capaz de globalizar a informação e através das redes, ganhar uma condição de pertencimento único. Para um determinado grupo de pessoas é impossível viver sem internet, para outro grupo não imaginam que seja possível a comunicação com quem está em outro continente em tempo real. Assim, tanto redes, quanto comunidades, preservam um conhecimento entorno de sua própria cultura, por se tratar daquilo que está em comum entre pessoas, reforçada na linguagem, nos sentidos e na comunicação

O que os recentes analistas de redes apontam é para a necessidade de uma *mudança* no modo como se compreende o conceito de comunidade: novas formas de comunidade surgiram, o que tornou mais complexa nossa relação com as antigas formas. De fato, se focarmos diretamente os laços sociais e sistemas informais de troca de recursos, ao invés de focarmos as pessoas vivendo em vizinhanças e pequenas cidades, teremos uma imagem das relações interpessoais bem diferente daquela com a qual nos habituamos. Se solidariedade, vizinhança e parentesco eram aspectos predominantes quando se procurava definir uma comunidade, hoje eles são apenas alguns dentre os muitos padrões possíveis das redes sociais. Estamos diante de novas formas de associação, imersos numa complexidade chamada rede social, com muitas dimensões, e que mobiliza o fluxo de recursos entre inúmeros indivíduos distribuídos segundo padrões variáveis (COSTA, 2005, p. 239).

Quando se pensa em padrões nos remetemos a formas que pouco mudam ou variam, mas quando se menciona a condição de “padrões variáveis”, o que realmente significa? Qual o sentido? Nesta abordagem proponho pensar na gama de possibilidades que atendem a um determinado grupo e que nada representa ou significa para outros tantos grupos existentes na mesma sociedade.

Estamos falando de um grupo: o humano. Este, dependendo de sua origem vai experimentar e vivenciar situações que, por outros são impensáveis. Nesta condição percebemos que, mesmo se tratando de um mesmo ser na face da Terra, dotado das mesmas capacidades, há variações culturais e sociais, que os limitam ao mesmo tempo em que a existência de outros é expandida, dependendo de sua organização, cultura e potencial, pressupondo a sociedade competitiva na qual vivemos hoje.

Quando se pensa na própria comunidade na qual estamos inseridos, podemos visualizar uma série de variáveis que influenciam no comportamento humano, e por assim dizer, naquilo que será aceito de forma comum. Poderíamos pensar nos grupos religiosos, nos grupos de amigos, nos grupos de trabalhos, de

acordo com a idade, de acordo com o poder aquisitivo, aqueles organizados por bairros, por ruas, por localidades, os grupos das diferentes escolas, os grupos de brincadeiras na escola, aqueles por afinidade, aqueles quando se reúnem as famílias, entre outros.

Percebemos que por ora ou outra fazemos parte de um grupo e noutro momento não, depois o grupo se modifica dependendo do fator em comum e ele se reconfigura novamente. O que isto quer nos dizer? Que embora façamos parte deste movimento, nem sempre somos contemplados na integralidade, por ora, somos contemplados integralmente, quando nos permitimos estar vinculados a um ou outro grupo. Nestes casos, o movimento, as redes e as relações vão se delineando e assumindo um contorno, embora coletivo, que conserva características individuais que identificam este ou aquele grupo. E assim nos identificamos e a ele pertencemos. Não saberia qual seria nossa existência fora de um grupo ou comunidade.

A primeira comunidade de aprendizagem a que pertencemos é a *família*, o grupo social da infância. Daí a importância desse condicionante no desenvolvimento futuro da criança. A escola, como segunda comunidade de aprendizagem da criança, precisa levar em conta a comunidade não-escolar dos aprendentes. E mais: todos precisamos de tempo para aprender, na escola, na família, na cidade (GADOTTI, 2007, p. 11).

Pensando nessas ações, na própria comunidade, na cultura e na organização social, conservamos muitas vezes um direcionamento proposital entre as necessidades de um grupo, que busca aprender e aquilo que de fato, seria interessante e pertinente aprender. Novamente é o conflito dos interesses culturais que vai promovendo uma grande discussão entorno do próprio sentido da aprendizagem.

Como exemplo o professor da cidade/urbano que vai trabalhar na escola do campo/rural. Este não trabalha para o campo quando leciona na cidade, mas sua comunidade, campo é. Então pensar em que estratégias adotar para realizar seu trabalho num local distante da cidade? Consideremos que seja qualquer uma das disciplinas ou um projeto interdisciplinar. Penso que um dos fatores neste processo são relações e estas, se atendem as necessidades do coletivo, justificam suas práticas, interesses, desenvolvimento de proposta, planejamento.

Por esta razão trago para esta discussão a importância de se levar em conta as questões da própria cultura da comunidade e das relações existentes ali, naquele contexto, como fator importante em qualquer estudo que busca compreender as

relações sociais, no contexto e no tempo em que elas acontecem. Da mesma forma pensar o contexto da escola nesta comunidade também é olhar para sua organização e cultura, já que, enquanto educadores trazemos nossas vivências, muitas vezes diferente desta organização.

Aos nossos olhos, buscamos aproximar à formação dos alunos as necessidades sociais. Isto se dá quando percebemos que não é possível dissociar a escola da comunidade e do tempo presente. Além disto o processo reflexivo acerca da comunidade como uma organização social e cultural se vincula também aos acontecimento globais, já que muitas vivências acabam por acontecer em redes. E estas chegam até a escola de diferentes formas.

Pensar então nas informações globais que chegam de diferentes formas até a escola demanda enquanto educadores estarmos cientes dos últimos acontecimentos globais e ainda transformá-los em práticas que levam ao conhecimento evidenciando assim o processo em que a aprendizagem se constitui.

Observando um cartaz exposto no corredor da escola, feito pelos alunos da etapa 4 da Educação de Jovens e Adultos, me chamou atenção a frase:

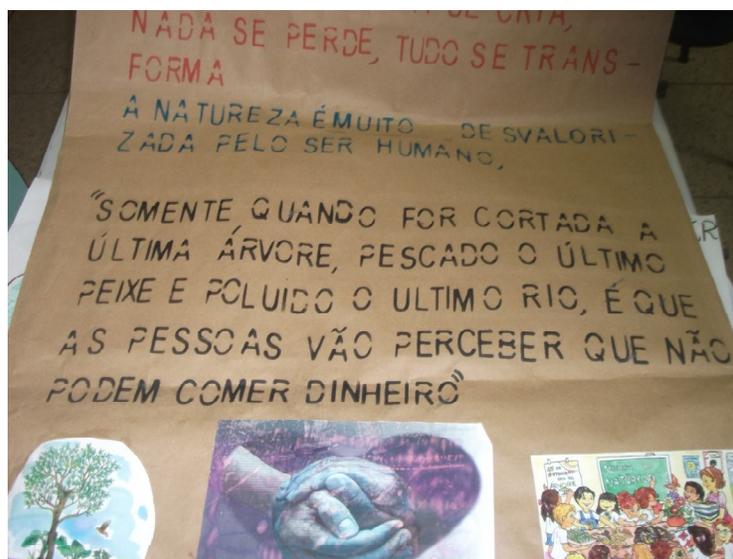


Foto 37: Cartaz criado pelos alunos da Etapa 4 da EJA no dia do meio ambiente

Fonte: acervo fotográfico da escola

Este cartaz foi exposto no corredor da escola logo no início de junho. Foi feito a partir de uma aula de ciências onde a discussão refletia sobre o meio ambiente, a situação ambiental atual e passadas alguns dias, parei para ler o trabalho dos alunos, já que todos os turnos quando fazem algum tipo de trabalho e desejam

expor utilizamos as paredes dos corredores. Passado alguns dias recebo pelo Facebook o seguinte:

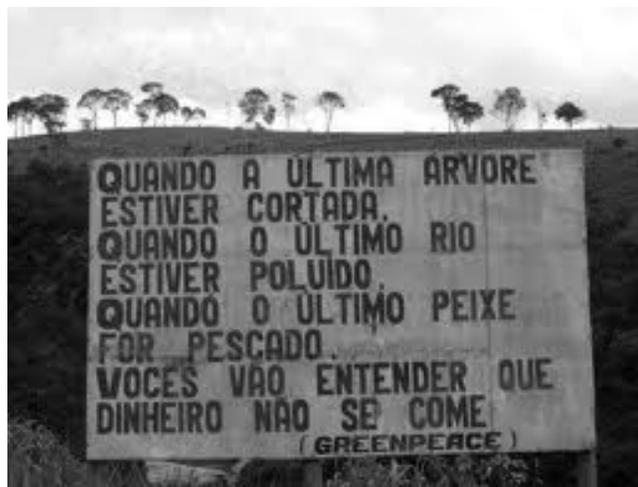


Imagem assinada pelo Greenpeace.

Fonte: Facebook e Youtube

A reflexão que faço diante a produção dos alunos e ao contexto no qual se insere a escola, está para pensar nas situações limites nas quais vivenciamos e nos inéditos viáveis nos quais articulamos ao contexto da própria comunidade, transformando o global em conhecimentos locais e vice-versa.

De uma forma ou outra, também é pertinente conhecermos as ferramentas e lidar com as mudanças do mundo. Em reflexões anteriores, nas quais existem ainda resistências metodológicas quanto a se trabalhar no campo das possibilidades e incertezas, onde não se percebe as necessidades individuais de cada pessoa que aprende é que acontecem os conflitos mais acirrados, no sentido de que se uma das nossas funções na escola é transformar informações em conhecimentos, de que maneira esse processo está ocorrendo?

De fato retornei a Etapa 4 no momento em que ocorria a aula de ciências. Questionei sobre o trabalho exposto. Os alunos teriam feito os cartazes a partir de um texto sobre o meio ambiente. Neste texto entre aspas estava a frase mencionada e que eles reproduziram modificando algumas poucas palavras. Questionei a autoria da frase, o que acabou se tornando objeto de pesquisa, já que no texto não havia especificamente o autor. Em outra oportunidade retornei a sala de aula questionando sobre a pesquisa. Levei meu notebook e lá mesmo pesquisamos e

comparamos as frases. Desta vez dando os devidos créditos aos autores e também pesquisando o que seria o Greenpeace.

Do senso comum a pesquisa, a leitura dos textos nos sites, a busca pela informação, ao mesmo tempo mencionando palavras utilitárias do inglês, como abrir uma página de internet, o que é WWW, tornou-se uma vivência com os alunos, não planejada de antemão. Considerando que o acesso a internet ainda não está disponível em todo laboratório de informática quero deixar claro que não foi impedimento para o não acesso a informação, pelo contrário. Quando precisamos nos adaptar constantemente a realidade que temos, significa traduzir para prática as situações limites transformando-as em inéditos viáveis; transformando a metodologia tradicional; contextualizando e atualizando os conhecimentos, o que de maneira ou outra reflete nas transformações dos modos de aprender.

Neste exemplo citado, a aula rendeu ainda práticas “touch” nos celulares, passando pela experiência de utilizar uma impressora com esse recurso, ampliando e reduzindo, copiando e scaneando, observando e testando as entradas USB e de cartão de memória compatíveis com as câmeras digitais e ou adaptadores dos cartões dos próprios celulares. No retorno para sala de aula, uma discussão em relação as idéias iniciais e o fechamento da atividade, já que não sendo professora deles, tivemos a oportunidade de conviver, conhecer, dialogar e ampliar as possibilidades da aprendizagem de todos os envolvidos nesta atividade. O que reforça a ideia da possibilidade de articulação de uma comunidade que aprende, neste caso, dos alunos, da professora, eu enquanto mediadora de um processo de aprendizagem, dos professores que estavam no laboratório de informática que também é nossa sala e biblioteca.

Essa experiência nos faz pensar no planejamento, na organização, nas adaptações e nos conhecimentos que precisamos ter e entender para estar atuando numa sala de aula ou numa escola, principalmente quando esta não dispõe de uma estrutura ampla para que possamos melhorar a qualidade do nosso trabalho. Porém, não só como desafio, mas como uma forma de entender que cada pessoa, lugar, comunidade, espaço e contexto tem suas particularidades. Nesse sentido a complexidade do fazer pedagógico está não só para aquilo que conhecemos e adaptamos, mas também como nos relacionamos com esta forma de entender a educação e as diferentes formas de relacionamentos que precisamos ter com os outros para que possa se tornar um espaço coletivo de aprendizagem.

Além disso, não podemos esquecer que exercemos uma função social e educativa muito grande. Portanto, a maneira na qual nos relacionamos com o entorno corrobora para a diversidade das práticas educativas. Para melhor fundamentar esta ideia, podemos visualizar parte das práticas vividas pela escola com o entorno:



Fotos 38 e 39: Apresentação Hip Hop na área da escola (2011)

Fonte: Acervo fotográfico da escola



Foto 40 : Apresentação Hip Hop na área da escola (2011)

Fonte: Acervo fotográfico da escola



Fotos 41 e 42 : Comunidade participando das apresentações (2011)

Fonte: Acervo fotográfico da escola

- Observando ao fundo da foto, não há mais cerca ao redor do pátio.



Fotos 43 e 44: Apresentação do Grupo de dança das meninas (2007)

Fonte: Acervo fotográfico da escola

- Em 2007 existia a cerca ao redor do pátio da escola. Na foto anterior (2011) não há mais cerca e o pátio está aberto.



Foto 45: Apresentação do 1º ano. Natal de 2007. Roupas de TNT, sob medida confeccionadas por uma costureira voluntária. Os pais contribuíram com a compra do TNT. As crianças levaram para casa as roupas de Papai Noel. Alguns ainda tem a roupa guardadas de lembrança.

Fonte: Acervo fotográfico da escola



Fotos 46 e 47: Apresentação (2008)

Fonte: Acervo fotográfico da escola

- Os recurso de áudio ainda são os mesmos e o espaço para apresentações (com piso) também.



Foto 48: Aula de educação física. Argolas Olímpicas (2008)

Fonte: Acervo fotográfico da escola.



Fotos 49 e 50: Aniversário de sete anos da escola (2010). O bolo de sete metros foi servido para toda comunidade.

Fonte: Acervo fotográfico da escola



Fotos 51 e 52: Atividade lúdica. Alunos do curso magistério (2010).

Fonte: Acervo fotográfico da escola



Fotos 53 e 54: Centro Regional de Cultura Rio Pardo. Visita com os alunos (2010)

Fonte: Acervo fotográfico da escola



Foto 55 e 56: Cinema no Centro Regional de Cultura; Ônibus é o nosso meio de transporte para sair com os alunos (cedido, emprestado, fretado, com vale transporte,...), (2010)

Fonte: Acervo fotográfico da escola





Fotos 57, 58, 59, 60: Brincadeiras na praça da Matriz, já que a escola não dispõe desses brinquedos (2010)

Fonte: Acervo fotográfico da escola.



Fotos 61 e 62: Visita da Coelho e da Emilia em diferentes épocas do ano (2009)

Fonte: Acervo fotográfico da escola



Foto 63 e 64: Visita ao Balneário Porto Ferreira com um biólogo, para estudar a diversidade e a riqueza da fauna e da flora naquele ambiente (2009)

Fonte: Acervo fotográfico da escola.



Foto 65: Visita a cidade cenográfica em Rio Pardo construída para minissérie Diário de Um Novo Mundo em 2005. A visita foi realizada em 2009.

Fonte: Acervo fotográfico da escola.



Foto 66 e 67: Alunas torcendo nos jogos realizado no ginásio de esportes.

Fonte: Acervo fotográfico da escola



Fotos 68 e 69: Coral Coração de Estudante formado em 2009. Ensaio 2010.

Fonte: Acervo fotográfico da escola.



Foto 70, 71 e 72. Projeto dos Animais com o 3º ano em 2010. Os animais que aparecem são da comunidade. Os alunos passearam pela comunidade pesquisando os animais locais.

Fonte: Acervo fotográfico cedido pelas professoras que realizaram o projeto.



Foto 73 e 74: História - pré-escola e Merenda ao ar livre na escola - terceiro ano. (2011)

Fonte: Acervo fotográfico da escola.



Fotos 75 e 76: Bombeiros na escola e visita no batalhão. Em épocas diferentes mostrando o movimento das práticas pedagógicas (2008)

Fonte: Acervo fotográfico da escola.



Foto 77: Alunos fazendo aprendendo a fazer pão na sala de aula (2008).

Fonte: Acervo fotográfico da escola



Foto 78 e 79: Alunos caminhando na comunidade dias antes do desfile cívico (2010).

Fonte: Acervo fotográfico da escola.



Fotos 80, 81 e 82: Momento Cívico na Prefeitura no turno da manhã e Desfile Cívico no turno da tarde (2010).

Fonte: Acervo fotográfico da escola



Fotos 83 e 84: Dia do Desafio Diurno e Noturno em 2011.

Fonte: Acervo fotográfico da escola.

“O momento em que vi vemos é um momento peculiar [...] embora seja uma continuidade de períodos anteriores, enseja novas experiências que encontram um novo contexto para se realizar e plenificar seus objetivos” (ABDALLA, 2002, p. 101).

Diante desta seleção de fotos poderíamos elaborar para cada uma delas, um extenso conjunto de idéias e relações pedagógicas com objetivos definidos. Cada momento vivido nestes diferentes espaços e com as diferentes pessoas nos remete a pensar qual seria o entorno da escola, já que não nos restringimos somente ao bairro, a comunidade local e as aprendizagens transmitidas pelos docentes.

Existe um amplo acervo fotográfico na escola que registra tais vivências. Mais uma vez a ideia de registrar os acontecimentos pelo pesquisador coletivo mostra que nossas ações se tornam práticas ao mesmo tempo em que nossas práticas se traduzem em ações educativas. Quando existe um conjunto pessoas contribuindo e constituindo este espaço, significa que aprendizagens são internalizadas, tanto nas ações quanto nas relações com o entorno.

Nesse sentido a escola, o entorno e a comunidade vão constituindo caminhos nos quais de antemão não podemos dimensionar, afinal torna-se um processo coletivo de relações e aprendizagens. Assim, a complexidade do fazer pedagógico considerando a escola pública e de educação básica muitas vezes acaba não sendo tão valorizada pela própria comunidade e contexto social. Portanto, ao encontro de um dos objetivos desta dissertação está a importância de mostrar esta caminhada. Poder refletir na própria ação, no momento vivido e com base nele, tomar muitas vezes decisões dos próximos passos é ter concretizado a possibilidade da incerteza ao constituir um caminho pedagógico complexo a seguir.

Tornar visível as ações e concepções pedagógicas que dialogam e divergem entre si é entender que a escola e a educação não acontecem de forma isolada de seu contexto, cultura e das possibilidades viáveis que estão no entorno e que podem complementar e enriquecer as aprendizagens vividas pelo coletivo. Portanto é um fazer com que amplia nossas próprias possibilidades de aprendizagens de acordo com sua época, tempo e espaço. Quando conhecemos melhor a realidade da escola, isto é, suas práticas pedagógicas, suas necessidades e suas transformações, entendemos que este espaço educativo é vivido por um conjunto de pessoas. Assim, são essas pessoas que vão constituindo relações que nem sempre acontecem de forma pacífica, mas que são necessárias para o próprio crescimento do grupo.

Nesse sentido o espaço escolar em conjunto com o entorno é muito rico em ações. Muitas vezes o conflito entre o que são relações sociais e não sociais¹⁰ conceituadas por Maturana (2002) estão presentes na escola. A cooperação, o diálogo, o conflito, as divergências, as diferenças de opinião conceitual e metodológica, a união, o respeito, o amor, o cansaço, stress, solidariedade, fraternidade, entendimento, relevância, tolerância, calma, sabedoria, amizade, entre tantas outras possibilidades que nos constitui fazem deste espaço um lugar de constante exercício de si mesmo, antes mesmo de se tornar um exercício de aprendizagem com o outro. Assim é importante entendermos a comunidade, a escola e o entorno, para que possamos de forma ou outra traçar algumas estratégias de ação que serão importantes para aprendizagem do coletivo.

¹⁰ As relações humanas que não se baseiam na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência não são relações sociais [...] O poder surge com a obediência, e a obediência constitui o poder como relação de negação mútua. [...] As relações hierárquicas são relações fundadas na supervalorização e na desvalorização que constituem o poder e a obediência e, portanto, não são relações sociais [...] Os seres humanos não somos o tempo todo sociais; somente o somos na dinâmica das relações de aceitação mútua. Sem ações de aceitação mútua não somos sociais. Entretanto, na biologia humana o social é tão fundamental que aparece o tempo todo e por toda parte (MATURANA, 2002, p. 69-71)

“Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos”.

(Paulo Freire)

5 RELAÇÕES DE APRENDIZAGEM COM A ESCOLA, A COMUNIDADE E O ENTORNO

A escola como um espaço social propício a aprendizagem, se insere num espaço determinado, que por sua vez está localizado numa determinada área e que por esta razão pertence a um lugar. Dependendo desta localização reconhecemos o pertencimento desta escola, nos remetendo também a uma série de outras informações que podem ou não fazer parte do contorno, quando pensamos nesta escola como parte de uma comunidade.

Os contornos deste espaço vão se delimitando ao ponto de não pertencerem somente a um lugar (território demarcado e localizado numa determinada área). Podemos assumir, enquanto escola diferentes contornos e por assim dizer, ampliar e enriquecer nossos trabalhos, conforme expandimos nossa comunidade. Esta expansão se dá pelas redes de relações que temos e o quanto podemos aproximar da escola e ao projeto educativo, novos olhares perante o processo de desenvolvimento da aprendizagem.

A escola é um espaço de relações. Neste sentido, cada escola é única, fruto de sua história particular, de seu projeto e de seus agentes. Como lugar de pessoas e de relações, é também um lugar de representações sociais. Como instituição social ela tem contribuído tanto para a manutenção quanto para a transformação social. Numa visão transformadora ela tem um papel essencialmente crítico e criativo (GADOTTI, 2007, p. 11).

Quando se fala em expandir e ampliar os contornos da escola, através das relações sociais, não se trata de repassar responsabilidades ou entregar a terceiros nosso papel enquanto educadores. Fazendo uma reflexão mais profunda, penso que na condição de educador, nos dias de hoje, em que assumimos um papel na sala de aula, competindo com o excesso de informação, temos que propor alternativas que explicam razão/emoção e a existência das coisas aprendidas. É neste sentido que, ao aproximar novos olhares, encontramos alternativas conjuntas, que servem tanto para quem colabora com a escola, quanto para a estrutura da mesma.

Imaginemos que nem todas as escolas públicas são dotadas de um consultório dentário. Isso não significa que não haja possibilidade através da escola de aproximar a família, o dentista, o aluno, o professor e a escola. Num movimento onde o tratamento odontológico acompanhado de uma didática na sala de aula que propõe entender, conhecer e vivenciar ações de conhecimento em relação aos cuidados com a saúde bucal, é uma das possibilidades destas relações da escola

com o entorno. Quando a família se junta a esta proposta, levando nas consultas e se responsabilizando pelos cuidados em casa, existirá uma potencialização da aprendizagem, isto é, uma proposta mais rica do que se ocorrer sem o diálogo e integração entre as partes.

Na escola se não houver integração o mesmo acontece. A mesma falta de estrutura em alguns casos quando não há recursos para compra de pastas e escovas poderia ser transformado em novas ações com parcerias, portanto, seria bem possível conseguir o material. Considerando que na família não seja possível adquirir uma pasta e escova somente para o uso escolar e pensando na situação de haver o material para cada criança na escola é preciso uma proposta de trabalho que envolva o entorno. Assim vários elementos vão se transformando até se chegar a uma aprendizagem mais ampla em relação a conservação dos dentes e higiene bucal.

De que adianta pintar uma folha com um desenho de um dente, marcar um x na resposta correta do dente que está sadio, se não há ação diária de escovação, visualização das condições bucais de cada um e um envolvimento maior com o tema aprofundando conhecimentos adequados a cada série/ano, considerando que pelo menos uma refeição é feita na escola?

Enquanto pensarmos nesta mesma situação de forma isolada (escola – entorno – comunidade) perdemos tempo e boas ações educativas, pois são nas relações com a escola, a comunidade e a família que podemos desenvolver um trabalho rico. De forma isolada, cada um assumindo suas responsabilidades restritamente sem o auxílio dos outros grupos, haverão ganhos, mas potencialmente desconexos. Quanto a proposta e o planejamento, estes poderiam ser mais amplos e complexos quando há envolvimento de um grupo entorno de um mesmo objetivo.

Como educadora, me reservo a pensar nas inúmeras possibilidades que temos, enquanto exercemos nossa função social e educativa, principalmente quando o reforço aos laços e vínculos tornam-se mais relevantes. Pensando na escola, na família e na comunidade, como uma rede de relações, podemos entendê-las como espaços distintos que se entrelaçam conforme seus interesses. Esses ora são comuns, ora são diferenciados tais interesses, dependendo da necessidade e momento em que se encontram.

Como instituição social, ela (a escola), depende da sociedade e, para se transformar, depende também da relação que mantém com outras escolas, com as famílias, **aprendendo em rede** com elas, estabelecendo alianças

com a sociedade, com a população. Não somos seres determinados, mas, como seres inconclusos, inacabados e incompletos, somos seres condicionados. O que aprendemos depende das *condições de aprendizagem*. Somos programados para aprender, mas o que aprendemos depende do tipo de *comunidade de aprendizagem* a que pertencemos (GADOTTI, 2007, p. 12).

Assim percebemos que a “comunidade de aprendizagem” se mobiliza no processo da aprendizagem. Como condição humana, “somos seres inacabados” que precisam de outros para se desenvolver. Nesse sentido tanto a aprendizagem quanto a sobrevivência no grupo e na vida, vão ao encontro da complexidade, no sentido de que as transformações ocorrem, de acordo com o perfil que assumimos. Portanto, permeados por um processo de relações sociais humanas, estamos interligados uns aos outros até por questões de sobrevivência.

Se um dos meus objetivos é mostrar a caminhada da escola em relação a proposta pedagógica e as relações que vem construindo com a comunidade, preciso abordar então algumas vivências que configuram este espaço. Transcrevo aqui trechos de contribuições gravadas em vídeo. Estas gravações foram feitas com base em três perspectivas: A primeira da Ex diretora da escola, hoje atuando na orientação educacional desta instituição; a segunda de uma professora contratada que chega na metade do ano para substituir outra colega e a terceira de uma professora recém chegada na escola para trabalhar na educação de jovens e adultos no turno da noite. Estes três momentos foram gravados em datas distintas durante o período em que a pesquisa aconteceu.

1ª Perspectiva

“[...] trabalho a oito anos na escola, já fui diretora e nos diversos grupos que já passaram aqui percebi que só se tem resultado trabalhando realmente em grupo. Cada um fazendo a sua parte, mantendo os elos da corrente sempre ligados. Estes laços de união fortalecem toda a escola em todos os setores [...] Nós não podemos trabalhar isolados na sala da direção, sem a participação dos professores, dos alunos, da comunidade, do pessoal que trabalha na cozinha e na limpeza... Então vivenciando isso eu percebo que muito importante esse trabalho em grupo e de cooperação”.

2ª Perspectiva

“...quando cheguei aqui tinha a ideia de que fosse uma realidade bem diferente daquele que eu esperava [...] eu imaginei uma realidade e me deparei com outra [...] mas ao longo desses dois meses eu enfrentei alguns desafios, nos quais

estou conseguindo superar aos poucos [...] a turma é numerosa, tem muitos problemas [...] mas to tendo ajuda da direção, da supervisão e da orientação...eu acho que sozinho ninguém chega a lugar nenhum [...] e é isso aí, vamos continuar trabalhando para ter sucesso no final do ano[...]”.

3ª Perspectiva

[...] eu sabia do desafio. Sabia que não ia ser fácil, mas gosto de desafios e consegui sempre vencê-los [...] o que mais me preocupou foi o fato de algumas pessoas da comunidade (não da escola e do bairro) me dizerem: - tu é louca ir trabalhar lá a noite, tem muita violência! Pensei: Tenho família, minha vida, meu filho pequeno, será que eles tem razão? [...] Mas fui atrás e aceitei o desafio. Para minha surpresa, na primeira reunião de trabalho, conheci a equipe e já logo no primeiro dia senti que seria um trabalho em conjunto, onde todos iam dar as mão e trabalhar para o mesmo objetivo [...] a cada dia que passou fui tendo provas que não era bem assim. Eu comecei a ver que nessa escola, que muitas vezes na comunidade não é bem vista, tem muitas coisas que em outras não tem, que é humanismo (dos colegas, das pessoas que vem estudar, muitos com mais de setenta anos). A gente tem uma equipe fortalecida onde um ajuda o outro, onde um não pode, o outro vai ta ali [...] os problemas existem, surgem como qualquer outra escola, claro que não é tudo mil maravilhar, mas são problemas bem pequenos em relação ao que poderia ser conforme o que muitos dizem [...]”.

Além das gravações em vídeo, alguns colegas se sentiram mais a vontade ao escrever seus pensamentos. O que me chamou atenção foi a forma com que cada um escreveu e também a vontade de contribuir com a pesquisa, já que a proposta é pesquisar no coletivo. Então procurei aqui escanear alguns materiais preservando as diversas maneiras com que chegaram inclusive. Ao ver um dos colegas contribuindo, outros se motivaram a participar, porém, uma das situações bastante presente foi a insegurança ou a necessidade de afirmação em relação a estar certo ou errado seus escritos. Neste contexto foi realizado em três dias o processo de motivação, escrita, discussão e entrega deste materiais, durante a semana de aula, nos momentos em que cada um havia em sua grade um horário vago para fazê-lo.

Penso que quando existe liberdade de reflexão também há dúvidas, medos, incertezas entre tantos outros sentimentos que nos acompanham. Assim chamo atenção para as peculiaridades de cada “texto”. Organizei de forma seqüencial tais textos, para depois inserir minhas reflexões em relação a alguns pontos que

considero interessante. É importante dizer que estas contribuições escaneadas foram feitas no intervalo entre as aulas. Antes de ser entregue a mim, os colegas compararam as respostas e continuaram conversando sobre os diferentes pontos de vista. O importante é que cada um preservou suas características no texto, ou seja, observando a maneira com que cada um expressou seus pensamentos é bem próximo ao perfil de cada um, no que se refere a linguagem e a forma com que a expressam. Vejamos:

A)

Como é trabalhar nesta escola

Tenho a relator, que nesta escola é o meu primeiro trabalho como professor, tenho muito a agradecer principalmente a todos os meus colegas que me acolheram, com todo o carinho e dedicação pois sempre que precisei nunca me deixaram sem nenhuma resposta, e também os meus alunos que fazem com que cada dia mais, me torne um profissional melhor, faço com que eu busque coisas novas, pois quero transmitir para eles, de uma maneira que todos ~~entendam~~ ~~entendam~~ entendam.

Nesta escola, penso dizer me sinto muito bem pois tenho colegas fantásticos, amigos acima de tudo e sei que posso contar com todos um deles, eu só tenho uma coisa a dizer muito obrigado por tu me acolheres nesta família Antônio Clinto Neuner, e meu muito obrigado aos meus colegas e alunos.

Tudo o que sempre fiz tem que ser com o amor, e hoje penso dizer amo e faço, e que já serei um ^{aluno} digno da ^{minha} escola como profissional, e todos os dias estou subindo mais pois estou adquirindo experiência como profissional e ^{como} pessoa.

B)

Trabalhar nesta Escola é muito bom, pois é como uma "caixa surpresa"; cada dia nos reserva situações diferentes: ora problemáticas e conturbadas ora conflitantes e desafiadoras, tanto com os alunos como com os colegas e funcionários.

Desde o momento em que assumi nesta escola me senti muito bem acolhida por todos. Acredito que meu relacionamento com a comunidade escolar é franco, direto, aberto.

Estou aprendendo diariamente que cada um dos envolvidos no processo educacional necessita de atenção, de carinho, de entendimento e de alguém que ouça e leia os seus problemas/conflitos ajudando-os a descobrir-se como sujeito de produção do seu conhecimento.

Após alguns anos fora do contexto escolar, busco renovar a minha ação pedagógica envolvendo-me em todas as atividades propostas e procurando alternativas de encaminhamentos para os problemas existentes na escola e na comunidade. Tem sido um desafio constante, a tarefa de orientar alunos e (família) pais na melhoria do relacionamento familiar afim do processo ensino aprendizagem seja prazeroso e eficaz.

C)

RASCUNHO DE ALGUNS PENSAMENTOS...

PENSO QUE TAL REFLEXÃO DE MOSTRA MUITO INTERESSANTE, NÃO POR SER NOVA, POIS VIVENCIAMOS TODOS OS DIAS, MAS POR TRAZER A TANTA QUESTÕES QUE, COMO DIZEM, ESTÃO PRESENTES DIARIAMENTE, MAS MUITAS VEZES NÃO NOS DAMOS CONTA. DE QUE ESTAMOS INSERIDOS EM UM MEIO, UMA COMUNIDADE, QUE AO MESMO TEMPO QUE, PROCURAMOS MOLHAR, NOS MOLDA; QUE PROCURAMOS ENSEJAR, E QUE NOS ENSEJA, EMBORA NÃO PERCEBAMOS.

VEJO QUE NA NOSSA ESCOLA, ENQUANTO TURNO DA NOITE, PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS SE RELACIONAM MUITO BEM ~~ENTÃO~~ ENQUANTO GRUPO, O QUE SE REFLETE NA COMUNIDADE ESCOLAR. PERCEBO UM AMADURECIMENTO, ~~DE~~ DESDE A CRIAÇÃO DA EJA, SE REFLETINDO NOS ALUNOS, NA CONFIANÇA QUE DEPOSITAM NOS PROFS. O GRUPO AINDA ESTÁ EM CONSTRUÇÃO NO SENTIDO DE ADAPTAÇÕES, RECONHECIMENTOS, POIS CADA MEMBRO DESTA EQUIPE VEIO DE DIFERENTES REALIDADES E AGORA ENCONTRAM-SE E SE RECONHECEM EM UMA NOVA PROPOSTA, MUITO DESAFIADORA E PROBLEMATICA. NOTO UM CRESCIMENTO GERAL, OU SEJA, DE TODOS NESTA CAMINHADA, UMA GRANDE APRENDIZAGEM. MUITO EMBORA NÃO TENHAMOS UMA ESTRUTURA FÍSICA ADEQUADA, ONDE TEMOS QUE NOS ADAPTAR A DIFERENTES SITUAÇÕES, ONDE FICAMOS LIMITADOS.

HOJE, APÓS UMA CONVIVÊNCIA, CONTÍNUA E CRESCENTE, O GRUPO POSSUI UMA SEGURANÇA, FÍSICA, PSICOLÓGICA E MORAL, A QUAL POR VEZES É QUEBRADA, POIS A COMUNIDADE ESCOLAR É MUITO DINÂMICA, E ESTAMOS, REPITO, EM CAMINHADA.

MBJ.

D)

O que penso sobre as relações
educativas / e de socialização da escola Antônio
Olinto Meurer.

Trabalhar aqui ~~foi~~ tem sido uma experiência
boa / enriquecedora. Eu aprendo com os alunos
com os colegas de trabalho. Sempre que venho
para cá, trago juntamente comigo, um espírito
leve, de bem com a vida. Ucho que os alunos
merecem isso, pois ~~as~~ eles vem, talvez de uma
realidade dura, onde poucas vezes, têm oportuni-
dades de conhecer a tolerância, a fraternidade.

Através das histórias dos livros e das
histórias que conto aos meus alunos, procuro
mostrar uma outra realidade, uma realidade
de sonhos, talvez.

A metodologia de ler e narrar histórias
toma minhas aulas e minha relação com os
alunos um pouco mais tranquila, serena.

Quanto a inter-relação com os colegas de
trabalho, procuro sempre cooperar de forma
positiva, dou minha opinião em determinados
assuntos, mesmo que isso não agrade a todos.

Ucho que se tratamento de educação todos
devem contribuir, pois a educação deve ser
pensada e discutida por várias pessoas.

E)

Acredito que são vários tipos de aprendizagem, mas uma das mais difíceis é a aprendizagem de se relacionar. Pois escola e comunidade precisam andar lado a lado, num processo educativo, e isto exige que a equipe diretiva, docentes, funcionários da escola conheçam a comunidade onde a mesma está inserida, conheça as suas realidades, dificuldades, conquistas...

Assim como a comunidade precisa conhecer a escola, saber do seu processo de ensino-aprendizagem, saber como funciona a sua estrutura administrativa e pedagógica, para que com isto exista uma relação social (escola x comunidade) saudável em busca de uma Educação de Qualidade.

F)

① e ②

Dentro do contexto escolar há muitos aprendizados que não sendo construídos, seja pela semelhança de ideias ou opiniões ou pela divergência das mesmas.

Neste sentido, todo o trabalho desenvolvido na escola deve ser utilizado como meio de integrar as relações existentes, seja por parte dos docentes, pais, alunos e comunidade em geral.

Acredito que ^{mas se} a convivência profissional, mas a convivência pessoal com os integrantes do espaço escolar também são de grande valia para que as aprendizagens ocorram. A troca de experiências não se refere apenas aos questões da escola, mas também da trajetória de vida e bagagem de cada um, são igualmente importante para que ocorra a construção de muitos aprendizados dentro e fora da escola, e que cada um possa com isto amadurecer e tornar-se um ser mais pleno.

Outro aspecto a se considerar é a aproximação entre família e escola, para que também haja aprendizados. Compreender o mundo ou apenas conhecer a realidade de como vivem e convivem os pais e alunos do entorno da escola é sem dúvida uma questão muito importante para que o trabalho desenvolvido possa ter uma diretriz, um caminho a seguir.

Também dentro desta relação, a busca de parcerias e outros aliados para dentro da escola também emergem aprendizagens interessantes, pois soma-se o novo com o existente e consegue-se cada vez mais atrair conhecimentos para o crescimento mútuo de todos. Isto também pode estar relacionado ao conhecimento buscado pelos docentes na sua qualificação, ou até mesmo por outros meios de

aprendizados, de tudo que pode ser constituído como meio de atribuir conhecimentos ^{sem} a vida.

Penso que tudo isto não deva de ser estratégias para condução e existência deste espaço educativo que se evolui porque há diversidades e trocas nos mais variados níveis (intelectual, social, cultural ...) e é nesta interação que sem dúvida os aprendizados emergem e a vida consegue atingir seu objetivo maior que é a formação do indivíduo.

A busca dos educadores em se qualificar:

Experiência Formação Pelo Vida.

Como tutora do programa de formação continuada à distância F.P.E., promovido em parceria com o MEC/FNDE e a Secretaria de Educação Municipal posso relatar que embora houvesse uma aceitação boa por parte dos educadores e comunidade em geral, alguns ~~foram~~ ^{demonstraram} resistência à proposta, acredito pelo fato de ser um curso à distância, necessitando o domínio ~~de~~ de ferramentas como a informática, bem como dedicação ao curso. Outros pelo comodismo, pela não vontade de adquirir conhecimentos, chegando a alegar que o conhecimento abordado no curso não seria útil em sua vida profissional, mesmo sendo os assuntos na sua grande maioria de extrema relevância, pois se refere as políticas educacionais e programas na área da educação. Deste modo, conclui-se que há pouca motivação do profissional em questões em se qualificar. Poucos aceitam o desafio e a ~~absolutam~~ ^{certeza} de que a ^{oportunidade} que lhes é dada.

As contribuições de A à F mostram parte dos pensamentos dos professores que atuam na escola. Boa parte deles foram escritos pelo grupo da noite, recém chegado na escola, com exceção dos textos B e D que foram escritos por professores que atuam também no turno da manhã.

A meu ver saliento as questões de acolhida; de aprendizagem mútua; desafios e possibilidades; dinamicidade do processo de aprendizagem coletiva; fortalecimento das relações; cooperação; olhar para realidade do aluno e da comunidade, bem como suas condições para estarem na escola; recursividade da realidade que nos ensina enquanto ensinamos; constantes adaptações; acolhimento e reconhecimento do outro; conflitos; relações não hierárquicas¹¹, oportunidade de experiências; ajuda dos colegas; busca pessoal e profissional; integração entre a escola e a comunidade; diversidade e diferentes trajetórias; busca de parcerias e aliados; qualificação docente; Compreensão do mundo e do trabalho; compartilhar estratégias e transformá-las em ações sociais, culturais e intelectuais; resistência; empatia, entre outras questões.

Se olharmos numa direção estes textos dialogam com Maturana no seguinte sentido:

O humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem, para defender ou justificar nossas ações. Normalmente vivemos nossos argumentos racionais sem fazer referência às emoções em que se fundam, porque não sabemos que eles e todas as nossas ações têm um fundamento emocional, e acreditamos que tal condição seria uma limitação ao nosso ser racional. Mas o fundamento emocional do racional é uma limitação? Não! Ao contrário, é sua condição de possibilidade [...] (MATURANA, 2002, p. 18).

Mais uma vez as possibilidades diante os desafios ganham força ao entendermos que não é possível separar a razão da emoção. Aqui Maturana e Morin se encontram teoricamente. Eles mostram à luz da complexidade aquilo que é difícil compreendermos somente por explicações racionais ou emocionais. O que eu quero dizer é que existe uma relação de dependência entre ambas, de modo que não podemos existir enquanto humanos, sem nossas razões e nossas emoções.

¹¹ Embora cada um dos professores tenha sua função na escola, sua demanda de trabalho, já faz algum tempo que buscamos no coletivo realizar nossas ações. É claro que em se tratando de representar cada função nos assumimos como tal, mas no desenvolvimento do dia-a-dia temos uma visão mais ampla. Não necessariamente é a função que determina o que e quem tomará a iniciativa para uma atividade ou outra. Nesse sentido conversamos e compartilhamos muitas idéias na mesma proporção em que as concretizamos. Mais uma vez reforça-se a importância nesta dissertação de estar realizando uma pesquisa ação e com a participação de um grupo pesquisador.

Simbolicamente a razão está para cabeça assim como a emoção está pra o coração. Como não podemos viver sem a cabeça e o coração, entender as explicações de ordem somente racional implicaria abrimos mão de todas as explicações em relação às emoções que nos constitui. Ao mesmo tempo, podemos explicar nossas emoções com o entendimento de que enquanto humanos somos e não somos ao mesmo tempo razão e emoção. Em outras palavras

Quer dizer, todo sistema racional tem um fundamento emocional. Pertencemos, no entanto, a uma cultura que dá ao racional uma validade transcendente, e ao que provém de nossas emoções, um caráter arbitrário. Por isso é difícil para nós aceitarmos o fundamento emocional do racional, e pensamos que isso nos expõe ao caos da irracionalidade, onde tudo parece ser possível. Acontece, entretanto, que o viver não ocorre no caos, e que há caos somente quando perdemos nossa referência emocional e não sabemos o que queremos fazer, porque nos encontramos recorrentemente em emoções contraditórias (MATURANA, 2002, p. 52).

Então nesse processo racional e emocional nos encontramos como humanos capazes de nos adaptarmos e com isso aprender. De imediato a aprendizagem será mais ampla quando porventura algo nos afeta diretamente e nos remete a um estado de busca e investigação até conseguirmos nos satisfazer diante as possíveis respostas surgidas, o que em outras palavras diríamos “aprendi”. Mas o interessante não é atribuir explicações que se sobrepõe com argumentos que dão mais concretude a razão ou a emoção. A meu ver o que instiga é a própria possibilidade da dualidade, dos extremos, da convergência e da divergência que nos move e impulsiona diariamente para lugares nos quais não sabemos de antemão onde irão parar.

Enquanto reflexão é sabermos que existem milhões de possibilidades e somos frutos de nossas escolhas. Porém nossas escolhas são de ordem racional ou emocional? Aí é que eu percebo que não dá para separarmos uma da outra, assim, razão e emoção são as duas faces de um corpo só. Então de forma ou de outra somos afetados diariamente, Isto significa que precisamos agir conforme a situação vivida momentaneamente. O que nos leva a não sabermos os desfechos, embora sejamos os protagonistas de imediato. No conjunto de situações vividas na escola não seria diferente. O que nos leva também a aprender com os passos dados, muitas vezes sem ter certeza de que seria o melhor caminho. Porém na dinamicidade do processo, precisamos ter um caminho a seguir e investir nele.

Uma das formas que a escola encontrou para adaptar as suas necessidades de acordo com a estrutura inicial que tinha, foi buscar na comunidade e no entorno

novos elementos que se tornaram com o passar dos anos, uma vivência do grupo em termos de aprendizagem. Buscamos constantemente em nossas práticas pedagógicas profissionais que possam contribuir e espaços nos quais podemos usar. De antemão digo que não é repassar para terceiros a responsabilidade da educação. Mas junto com o entorno potencializar as vivências. Nesse processo acreditamos aprender em conjunto.

Para mostrar nossa caminhada nesse sentido, realizei encontros agendados previamente com profissionais do entorno. Estes encontros foram permeados de grandes reflexões quando, dispostos ao diálogo, os profissionais puderam contribuir com suas diferentes visões em relação às estratégias adotadas para as ações conjuntas que realizamos. Saliento que a organização destes momentos foi conciliada com as agendas desses profissionais, portanto, não aconteceram no mesmo dia.

Cada encontro foi realizado nos diferentes espaços onde cada um atua diretamente, o que demandou meu deslocamento nos diferentes espaços. Para melhor organizar as idéias que trago para esta dissertação, faço uma contextualização do profissional e da situação experienciada para melhor situar os leitores em cada momento, seguindo uma numeração na ordem em que se realizaram.

Encontro nº 1:

O primeiro encontro foi realizado com uma dentista que não mais atua no posto de saúde da comunidade, mas que desenvolveu nos anos de 2007 e 2008 uma prática em conjunto com a escola, onde os resultados foram crescentes enquanto a proposta em conjunto com a escola permaneceu. Com a troca de profissionais na área odontológica no posto de saúde da comunidade, outras ações se efetivaram, porém, através deste relato podemos entender melhor a importância de não haver um trabalho desconexo entre dois espaços, já que ambos estão no mesmo contexto social, cultural e comunitário.

Embora cada um tenha seus objetivos de atendimento, quando existe proximidade, diálogo e uma proposta em conjunto, os ganhos na comunidade se tornam bem mais amplos. Assim no decorrer da conversa, mostrei os slides montados e apresentados na qualificação. A partir daquele material fomos conversando e conforme os slides iam passando, percebi algumas reações como estado de satisfação ao lembrar da experiência vivida, semblante sereno ao

compartilhar o que deu certo, simplicidade ao falar da proximidade com a escola, exemplos de situações marcantes, lembrança do nome dos alunos e a situação de cada um (lembrando que esta ação se realizou em 2007), adaptações diante as dificuldades, como por exemplo a organização das pastas com o atendimento dos alunos e fichas xerocadas já que não havia computador e impressora, entre outros.

De forma pontual transcrevo aqui os dados gerados pelo pensamento da dentista, que anotei enquanto conversávamos em seu consultório

“Penso que muito daquilo que realizamos enquanto profissionais vem da formação que tivemos enquanto estudantes. Fiz minha graduação em universidade pública e tínhamos em nosso currículo que desenvolver projetos realizar atendimentos comunitários. Quando passamos atender a comunidade nos nossos consultórios, desenvolvemos nossa rotina e adequações pessoais no atendimento ao público. Quando realizamos um trabalho no posto de saúde, torna-se diferente, embora o tratamento possa ser o mesmo, precisamos educar para o cuidado, higiene e até mesmo o compromisso em ir na consulta no dia em que foi agendado, pois são muitas pessoas que procuram o atendimento e precisamos organizar a rotina funcional dentro daquelas horas de trabalho... Muitas vezes o que acaba acontecendo é do paciente buscar ajuda e consulta quando não dá mais para salvar o dente... Sabe que se torna mais barato para os cofres públicos investir na prevenção do que nos tratamento mais graves? Os materiais usados para prevenção e os utilizados para o tratamento, incluindo medicação tem preços diferenciados...isso quer dizer que se pudéssemos ter mais tempo para realizar um trabalho preventivo, não precisaríamos chegar ao extremo, que para nós é a perda da dentição... Vemos pessoas jovens com a dentição comprometida, recorrendo a extração muitas vezes antes dos trinta anos... Isso compromete a mastigação, a qualidade de vida e até mesmo a auto-estima, o que reflete nas crianças. Muitas vezes a situação que as crianças chegam é horrível, pois já sofreram muita dor, quando na verdade se buscassem ajuda antes, elas não precisariam sofrer tanto... Quando realizamos a ação junto com a escola, foi uma experiência bastante diferente. Iniciamos nosso contato indo até a escola, eu e o auxiliar. Nossa intenção inicial era de ampliar a possibilidade de contato com as crianças, tanto que levamos no primeiro dia alguns desenhos para as crianças colorir. A partir de uma conversa na escola, com a professora, fomos buscando novos caminhos, que nem mesmo nós tínhamos noção de como fazer, assim, fomos mantendo contato, as crianças visitaram o consultório, puderam brincar de dentista...Retornamos na escola com o material (escola, pasta e fio), conseguimos um kit para cada um. Lá as crianças puderam se escovar com a orientação da professora e de tempo em tempo fazíamos a manutenção com flúor. Íamos anotando os progressos e a professora junto, ajudava na entrega das fichas no próprio dia da consulta. Isso foi importante, porque muitas vezes os pais esqueciam e como eles estão na escola todos os dias, com o auxílio da professora lembrando o horário ajudou para que eles tivessem mais compromisso. Aos poucos as crianças iam perdendo o medo da gente, porque se conversava abertamente sobre a higiene bucal. Lembro de um dia que levamos uma escola gigante e uma boca gigante que temos para auxiliar as crianças a escovar direito. Foi legal porque dessa forma lúdica a aprendizagem deles virou uma brincadeira que era séria. Como pude ir acompanhando o trabalho da professora, logo as outras turmas começaram a se movimentar e conseguimos os kits para toda escola. Aos poucos fomos percebendo que esta ação junto foi modificando até mesmo os pais. Muitos procuravam o posto para ver se conseguiam os kits para casa. Outros começaram a levar as crianças antes de ser mais grave a situação. Isso fez com que eles mesmo (os pais) procurassem ajuda para si. Naquele ano de

2007, foi satisfatório ver no final do ano a evolução de cada um. Existia um mapeamento da situação de cada criança. Numa turma da escola conseguimos fazer 100% do tratamento com as crianças, ficando para o ano seguinte somente a manutenção periódica, pois muitos estavam na fase de troca de dentição. Das lembranças que eu tenho me dá saudade. As vezes acabo atendendo no meu consultório um ou outro que já foi meu paciente quando eu trabalhava naquela comunidade. A gente vê direitinho quem cuida e mantém o tratamento. Disso tudo a experiência maior é aquela que mesmo diante as dificuldades que tínhamos, por exemplo, eram três pias no banheiro da escola e tínhamos que ir chamando no máximo uma dupla para cada pia, quer dizer, mesmo sendo mais lento, íamos lá fazer nosso trabalho e ao mesmo tempo contribuir com nossos conhecimentos na escola. Da mesma maneira, aprendemos muito sobre como conduzir uma ação em conjunto e como agregar mais coisas (aprendizagens) a partir de uma ação só. Fomos inicialmente com uma boa intenção e uma folha para colorir, mas, juntos conseguimos fazer um trabalho satisfatório porque era tudo novo. Estávamos compartilhando a mesma sensação de não saber qual seria o resultado final, mas apesar disso, acreditávamos que isso seria importante. Que pena que estas ações não acontecem de forma mais geral nas escolas e nos postos. Não são todos que tem este entendimento, mas no fim eu vejo que muito da formação que a gente tem acaba carregando para vida profissional”.

Esta contribuição me fez pensar em algumas situações que já enfrentei como pessoa e educadora nos diferentes espaços sociais que circulo. O que eu quero dizer é que ter uma relação próxima com a formação teórica, de conhecimento e se tornar um profissional capacitado vem junto com o que acreditamos, somos e nos constituímos. Muitas vezes compartilhamos sentimentos e emoções com nossos pares, que passa batido por outras pessoas sem provocar ou despertar nenhum sentimento ou reação. Ai está uma reflexão acerca daquilo que nos afeta e não nos afeta e como trabalhamos nossa afetividade.

Quando nos inserimos numa comunidade, existem situações que nos chocam. Não pela intensidade, mas pela forma com que são tratados os desfechos. Isso quer dizer que, mesmo estando inserida na comunidade, carregamos junto nossos valores, concepções, certezas e incertezas, aquilo que se torna certo e errado aos nossos olhos e de quem os vê. Com o passar do tempo os olhares mudam e aquilo que afetava inicialmente já se torna “corriqueiro”. Com isso é possível entender que por mais que queiramos transmitir informações, não conseguimos transformá-la em aprendizagens, quando não afeta os alunos, os pais, o grupo, os professores, o entorno.

Usando a contribuição da dentista, ela como profissional entende que é necessário a prevenção, a manutenção da higiene bucal e uma visita periódica ao dentista, justamente para não haver maiores complicações. Enquanto educadores temos a questão curricular da higiene para realizar um trabalho em sala de aula,

cabendo a nós profissionais da educação, planejar e realizar as ações que mais se aproximam da necessidade de cada turma e situação. Em relação a família penso que a maneira na qual cuidam da higiene também é fator relevante na educação das crianças. Muitos valores vem da família, passam pela escola e transitam pelo entorno. Isso significa que quando há articulação entre ambos, existirão ações que se complementam.

De maneira descritiva parece uma situação fácil de ser administrada esta articulação entre a escola, a família e o entorno. Na prática muitas vezes o exercício constante de superação dos conflitos é que faz com que haja crescimento, entendimento e conhecimento do que se pretende alcançar. De antemão é o como se conduz o dia a dia que vai delineando a forma da ação. Nesse sentido nem sempre é uma situação confortável para aquelas pessoas não habituadas com as inconstâncias e incertezas. Porém a escola é um campo muito amplo e que comporta muitas visões metodológicas, teorias e conceitos nos quais não determinam o rumo a seguir, mas possibilita muitos caminhos.

Valorizando a experiência compartilhada pela dentista, vejo a grande importância que temos enquanto educadores de nos apropriarmos das nossas responsabilidades pedagógicas, não as transferindo para terceiros o processo educativo. Da mesma forma o profissional do entorno aprendendo conosco aquilo que se torna fonte de transformação em conhecimento, vai além do atendimento clínico realizado por ele. Quando há união destes segmentos ampliam-se as possibilidades clínicas e educacionais. Nesse sentido é uma forma de também dar visibilidade ao que acontece no entorno e que também se traduz em experiências pedagógicas ricas.

Encontro nº 2:

O segundo encontro foi realizado com uma professora que já atuou na escola como orientadora, mas que hoje realiza suas atividades no Centro de Atendimento Municipal de Educação Especializada – CAMEE. Este centro foi inaugurado no ano de 2011, atendendo e encaminhando para especialistas, alunos da rede municipal que precisam de algum tipo de atendimento especializado. Como uma grande parte das escolas não tem sala de recursos, os alunos também tem acompanhamento pedagógico, sendo que para tais atendimentos é necessário que a escola encaminhe mediante um parecer relatando as necessidades de imediato que o aluno apresenta.

A professora que gentilmente me atendeu também é coordenadora deste centro. Uma iniciativa nova no município, quando passa atender os alunos de educação especial na rede regular de ensino. Se não a melhor forma, porque o ideal seria ter uma sala de recursos em cada escola, é uma iniciativa que vem trazendo resultados positivos para os alunos, as famílias e a escola. Neste trabalho em conjunto demanda estarmos sempre em contato, tanto para auxiliar as famílias nos encaminhamentos, quanto para observar mais diretamente o aluno em avaliação.

Ao mostrar os slides para professora ela pontuou pensamentos que transcrevo na íntegra:

- Se não fizer as correlações não consegue desenvolver seu pedagógico;
- A escola é um espaço social, assistencial e não só pedagógica;
- O trabalho dos parceiros da escola deve acontecer com um duplo repasse para que se tenham ganhos mútuos;
- Não existe trabalho em educação sem rede;
- Educação é um processo de mutação. Está sempre em estudo da sua comunidade;
- O teu grupo poderá não fazer em sua totalidade a coesão nesta proposta em rede, mas terá que caminhar... Quem não se enquadra nesta proposta não consegue ficar... Assim muitas vezes acaba o profissional saindo da escola ou de espaço em busca de uma concepção de trabalho em educação mais próxima de seu perfil;
- O professor deve conhecer e reconhecer a sua realidade e o entorno dela para embasar suas ações e estratégias... Frente a ela consegue entendê-la e também modificá-la.

Penso que pela forma com que estamos desenvolvendo nossas ações buscamos estratégias que possibilitam ao grupo um entendimento mais amplo dos próprios desafios cotidianos vividos na escola. Como o movimento é de ambos os lados, tanto a escola quanto o CAMEE vem criando alternativas que melhoram a qualidade de vida das crianças/famílias e isso se torna interessante, quando realizado de forma coletiva. Para melhor entender o que é feito, relato o processo inicial dos encaminhamentos e o desfecho final de uma situação real.

“Uma aluna do quarto ano apresenta um sério problema visual, já constatado pela família e pela professora, que diante suas possibilidades e recursos vem tentando oferecer um atendimento para menina. Foi levada a situação para orientadora que entra em contato com o CAMEE e apresenta a situação. É agendado um horário com a profissional responsável pelos atendimentos das crianças com alguma implicação visual. Neste dia um responsável pela criança deve acompanhá-la, munida de documentos e um parecer da escola (já feito pela professora, orientadora, supervisora com base nos anos anteriores e no que ela vem apresentando na escola). Para deslocamento são disponibilizados os vales

transportes da criança e do familiar. Após a primeira avaliação a especialista do CAMEE nos encaminha um parecer e também providencia outros atendimentos, como agendamento de oftalmologista. Esta informação é repassada tanto para família quanto para escola (o dia e o horário da consulta). Enquanto escola, nos encarregamos de reforçar a data e horário, chamando o responsável um dia antes e lembrando da importância deste atendimento. A criança consulta e retorna ao CAMEE e a escola com o laudo médico. Nesse espaço entre a consulta ao especialista e o retorno do laudo, a coordenadora do CAMEE foi até a escola, falar com o grupo de professores a respeito dos recursos metodológicos que devem ser oferecidos não só para crianças com dificuldades de visão, mas, contemplando uma diversidade bem maior, já que na escola temos alunos atendidos pelo cento e que apresentam laudos diferentes. Nesse dia falou-se sobre a necessidade desta aluna, que consegue enxergar na fonte 26 e que todo material dela deve ser deste tamanho, considerando a gravidade do seu problema. Além disso esta menina terá que usar óculos com graus fortes. Quando a menina retorna a escola e a mãe traz o laudo, vimos a necessidade da família em não poder adquirir o óculos para menina. Primeiro fizemos uma pesquisa de preço nas óticas e vimos, diante da situação a possibilidade de uma redução de custos, o que foi conseguido com a ajuda do dono da ótica. Mesmo assim os óculos custaram R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais). Conseguimos que este valor fosse parcelado em três vezes. Arrumamos alguns padrinhos que contribuiram para as duas primeiras parcelas. A terceira parcela ainda está em aberto. Desfecho final: A menina retorna para escola, com os óculos adequados a sua necessidade. Muitas das suas dores de cabeça e atividades em branco, começam a ganhar novos contornos. De fato, ela continuará indo ao CAMEE periodicamente. E nós enquanto escola observando atentamente se sua condição visual não terá oscilações que lhe prejudiquem, até que o processo reinicie novamente, como a observação da professora, o encaminhamento,....”

Poderíamos discutir aqui infinitas possibilidades de concretização da ação. Dizer que todos os encaminhamentos ocorrem dessa forma, seria impossível, pois cada situação é única. Nessa perspectiva vemos claramente o quanto é importante o envolvimento da família, da escola e do entorno profissional. De fato é um processo articulado que demanda adaptações constantes não só em termos pedagógicos, mas de uma realidade que a escola está enfrentando, no caso os alunos com

necessidades especiais na rede regular de ensino, previsto pela legislação como um direito e as articulações para melhor atendê-los.

Encontro nº 3:

O terceiro encontro foi realizado com profissionais que atuam na secretaria de educação. Quatro profissionais contribuíram com seus pensamentos e o interessante foi que eu agendei somente com uma delas. Quando cheguei na secretaria e apresentei os slides a uma das supervisoras, conforme íamos conversando as outras iam se aproximando, afinal já sabiam da possibilidade de contribuir com a pesquisa e se sentiram a vontade em contribuir.

Também vi que compartilhavam as respostas e pensamentos, lembrando fatos e compartilhando os desfechos, o que para mim se tornou mais uma referência, pois, muitas vezes é na ação conjunta que conseguimos realizar com êxito uma situação.

A partir dessa reflexão vou pontuando alguns pensamentos dos profissionais da secretaria, já que conforme elas iam conversando e trocando os slides, eu ia anotando o que estava sendo discutido.

- A escola promove mudanças na família, mesmo que seja a longo prazo;
- A importância do compromisso com as pessoas faz a diferença;
- É importante a formação dos profissionais para pensar nas melhores estratégias, afinal, se não enfrentam situações desafiadoras, não conseguirão se adaptar a educação já que ela está em constante movimento;
- Muitos educadores se acomodam e pensam ter grandes experiências, mas fazem as coisas da mesma forma, mudando pouco seus pensamentos e metodologias, então como terão mais idéias e acompanhar o ritmo dos alunos se ficam parados no tempo? Como irão propor aulas de acordo com a realidade? As vezes só se preocupam com o aluno na sala de aula e esquecem de onde ele vem, muitas vezes não se preocupando e nem conhecendo a família. Então nos questionamos a respeito de como entender o aluno que está ali diariamente e passa despercebido todo seu contexto?
- Se a escola e o aluno estão em constante movimento, o professor deve acompanhar esta realidade na qual ele também faz parte. Assim o que nos chama a atenção são as vivências e como enfrentam as situações desafiadoras, a tomada de decisões e os valores praticados em cada uma delas;
- Além das relações e da convivência precisamos entender como as coisas acontecem, por isso a necessidade de abrirmos mão dos nossos pré-conceitos pessoais, porque temos a possibilidade de aprendermos e modificarmos nossos pensamentos quando somos sensíveis e atentos as diferenças.
- É importante perceber o público que se tem: Quem são os pais, os filhos, sua cultura, o que buscam na escola. Muitos vem pela alimentação, mas com o tempo isso muda, dependendo de como o trabalho é feito. Não é porque lhes faltam instruções que não exercem o direito de lutar por melhores condições para seus filhos. Muitas vezes vemos que a opinião da família é bastante significativa na escola, tanto que os documentos

(Regimento e Projeto Político Pedagógico), hoje, não acontecem sem a participação da comunidade. Quer dizer, quando acompanhamos os processos de elaboração dos mesmos percebemos a participação da grande maioria da comunidade escolar. Claro que todos os pais não vem até a escola, mas os mais preocupados acabam sempre colaborando com o grupo.

É importante destacar aqui a questão de buscar com a secretaria de educação estas contribuições enquanto pesquisador coletivo. Entendo que faz parte do sistema educacional a secretaria de educação, a escola, os diretores, supervisores, secretários, recursos humanos, entre outros segmentos que fazem parte da estrutura administrativa e pedagógica do processo educativo. Mas de antemão quero deixar claro que busquei reflexões acerca do próprio processo e da importância destas articulações, já que todo sistema de forma ou outra é gerenciado por pessoas.

A possibilidade de dialogar com outras instâncias do próprio sistema que não a escola se faz necessário, até para quebrar alguns pensamentos de que a escola funciona sozinha. Mesmo fazendo parte de um sistema maior de educação é preciso de articulações com o entorno para que se possa buscar qualidade no próprio processo educativo. E esta qualidade está articulada a diferentes fatores que fazem parte da complexidade do fazer pedagógico, quando não pensado de forma isolada e fechada teórica e metodologicamente.

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal maneira que num dado momento a tua fala seja a tua prática”

(Paulo Freire)

6 A COMPLEXIDADE DO FAZER PEDAGÓGICO

Quando se chega na escola encontramos muitos desafios a serem vencidos, muitas possibilidades sendo delineadas e um grupo de pessoas que nas relações interagem com o grupo. Estas relações movidas de sentimentos e emoções se modificam conforme os laços, vínculos, os significados que cada um atribui ao outro, aos afetos, que ocorrem concomitantes ao trabalho a ser realizado. Por isso não podemos pensar no grupo de educadores, sem expressar de forma direta o sentido que existe nas emoções e nas razões de cada um dos educadores que chegam até a escola.

Além dos educadores, os alunos que pertencem a escola constroem laços e vínculos também. Dependendo do ponto em comum, a diversidade dos grupos e suas variáveis se multiplicam. Por assim dizer, o processo é dinâmico. A teia de relações ocorridas em cada turno nos mostra que as diferentes vivências, embora possam aparentemente ser semelhantes, assumem caráter único em tempo real.

Junto a este processo de relações é preciso considerar a finalidade deste espaço, que via de regra assume função educativa na sociedade, funcionando como um espaço de aprendizagem coletiva. Por assim dizer a “escola” hoje se organiza de diferentes maneiras e embora apresente semelhanças com outros espaços escolares, desenvolve em sua proposta pedagógica, sua realidade e particularidade.

Hoje, podemos legalmente pensar numa escola que pode planejar sua proposta pedagógica atendendo a sua realidade. Embora exista uma base nacional comum a ser trabalhada, assegurada pela LDB 9394/96 (2010), cabe a cada instituição de ensino cumprir suas incumbências, conforme o Art 12, que explicita as questões de elaboração e execução da proposta pedagógica; assim como, articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola.

Junto à legalidade que garante a escola atender suas particularidades, existe outro universo que interage no campo do “fazer”. Trata-se de um fazer pedagógico, ou seja, com a intenção de ensinar algo a alguém, que deve corresponder a este fazer, demonstrando ter atingido um nível maior em sua aprendizagem. Independente da metodologia empregada, na escola esperam-se resultados.

Trata-se portanto, de pensar essa complexidade no próprio fazer. Neste sentido, não há dois fazeres iguais. O que acontece são semelhanças e processos parecidos, porém cada um preservando e conservando suas especificidades. Como não há duas digitais iguais e duas pessoas que conservam as mesmas aprendizagens, amplia-se o pensamento para a não existência de dois fazeres iguais.

Assim alguns questionamentos que faço em relação às práticas pedagógicas são:

- Enquanto educadores, como estamos diversificando nossos fazeres?
- O que e quando proporcionamos aos alunos um envolvimento integral/parcial em relação as suas próprias aprendizagens?
- Valorizamos os conhecimentos vividos, ou supervalorizamos nossos conteúdos e objetivos, cujos fins acabam em si mesmo?

Quando os questionamentos provocam, trazem consigo indagações perante as perguntas:

- Se não nos questionarmos na escola, como dimensionarmos nosso trabalho?
- Como sustentá-lo de forma significativa?
- Como acompanhar as transformações sociais, culturais e contextuais?
- Como envolver os alunos e a comunidade gerando assim a condição de pertencimento à escola?

Nessa busca de respostas e formulação de novas perguntas penso que se nos assumimos enquanto pesquisadores enquanto questionamos nossas próprias ações, ampliamos nossas possibilidades diante os desafios do cotidiano. O que para Freire são situações limites e inéditos viáveis, para nós na escola são dúvidas, tentativas, escolha de caminhos e metodologias, ações que nos desafiam rotineiramente e estando lá se faz necessário um rumo a seguir, mesmo que não saibamos de fato como iremos chegar.

Essa rotina de incertezas faz a escola. Esse espaço dinâmico tem uma função social e educativa muito grande. Na sociedade e na comunidade onde está inserida não há tempo para o isolamento do mundo, afinal que ocupa este ambiente vive no presente. Então é relevante pensarmos que a escola, mesmo que não tenha a estrutura desejada é um espaço rico para pesquisa na mesma proporção em que a pesquisa é necessária para aprendizagem. Penso que a complexidade da

aprendizagem também parte da dúvida, do questionamento, da vontade de saber e conhecer mais. O que vai ao encontro da pesquisa, assim

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 1997, p.32).

Como as interrogações fazem parte do processo pedagógico, é preciso também entender que estas não acontecem para muitos educadores, ou seja, nas relações e na convivência compartilhamos um mesmo espaço, porém com idéias contrárias. Estas fazem parte de dois grupos: o que indagam e buscam transformações e, os que não indagam e apenas reproduzem ações sem reflexões.

Não se trata de uma interrogação ao sistema e as adversidades. Embora faça parte do nosso trabalho cotidiano, as interrogações nas quais me remeto, refletem acerca dos próprios fazeres e aprenderes. Assim: O que? Por que? Quem? Quando? Onde? Como? se ensina e se aprende na sociedade complexa, nos faz pensar que “não é possível conceber uma sociedade humana sem relações de troca. [...] As trocas se estabelecem para complementar o que falta em cada um” (ABDALLA, 2002, p. 126).

Compreendo estas relações de troca no sentido de complementaridade, conforme o autor citado propõe. Entendo que não posso trocar com alguém aquilo que eu sei e aprendi. Mas, posso ajudá-lo a construir sua aprendizagem. Posso ajudá-lo a encontrar seu caminho. Mas, jamais posso aprender por ele. Por isso, o sentido de cada aprendizagem ser única, para cada indivíduo, mesmo pertencendo a um mesmo grupo, pois pressupõe diferentes pontos de partida e diferentes formas de dar sentido a estas aprendizagens.

Assim complementando o pensamento, Morin, Ciurana e Motta (2003, p. 111) se referem ao princípio antropológico: “a humanidade se encontra longe de ter esgotado suas possibilidades: intelectuais, afetivas, culturais, civilizacionais, sociais e políticas”. Por não ter esgotado suas possibilidades, torna-se um processo constante, que precisa ser estudado, compreendido, refletido.

Na condição de educadores pensamos na estrutura do complexo fazer pedagógico que reúne diferentes visões e percepções. Cabe-nos, portanto, no meu entendimento, encontrar alternativas pedagógicas nas quais caminham para esta

mesma direção complexa, envolvendo não só a escola, mas também a família e a comunidade, na aprendizagem e nas relações sociais que estabelecem.

Estas relações perpassam a cooperação, a solidariedade, a convergência, o exercício constante de ouvir e aceitar ao outro, entender que faz parte da rotina a diversidade de opiniões e nem por isso é preciso adversidade. Podemos gerar conflitos na ação, mas que sejam produtivos e que se tornem aprendizagens para o grupo, considerando que, todas as práticas e ações podem dar certo, como não dar certo. Assim, vivemos num mundo de incertezas que demandam nossas adaptações constantes.

Nessa pesquisa ficou claro que a escola não é um espaço isolado do mundo, como também não acontece fora do contexto e do mundo. Muito da realidade de cada comunidade está dentro da escola, que por conseqüência também interagem com a comunidade. Os profissionais que estão no entorno e são chamados a colaborar num processo educativo, não estarão ali por um mero repasse de responsabilidades, mas um complemento da própria potencialidade a ser explorada enquanto processo educativo.

Com essa pesquisa ação, tendo um grupo pesquisando junto, puder perceber a necessidade que existe por parte das pessoas em mostrar e compartilhar experiências. Foram situações vividas que não podem ser dimensionadas somente por um conceito racional. Houve muito envolvimento, sensibilidade, medos, inseguranças, necessidade de aprovação do outro, ou seja, essa pesquisa mexeu com as pessoas que a fizeram.

Compartilho com todos os méritos desse trabalho, dessa proposta. É um exercício diário e constante de conflitos entre o individual e o coletivo. Em outras palavras quando o trabalho é do grupo, demanda muitas vezes abrimos mão de nossas convicções e termos que nos adaptar ao consenso do grupo. Isso significa que não é uma votação pela grande maioria, mas uma construção de idéias e ações que vão se complementando. Se o desfecho final não apresenta o melhor resultado é digno de um novo pensar e um novo fazer, porque estamos buscando muitas vezes respostas para nossas próprias tentativas.

Assim é compreensível de entendermos as diferentes vivências existentes e o significado que tem para um grupo que aprende. Podemos até tentar mostrar experiências parecidas em outros contextos, mas o significado e a aprendizagem maior está para aqueles que compartilharam da vivência. Claro que não se trata de

medir aprendizagens, mas, há muita diferença entre aqueles que viveram e experimentaram o processo e aqueles que ouviram o relato do processo.

Assim, os diálogos com os professores, a comunidade e o entorno; na tentativa de entender as ações e estratégias que realizam; no sentido de integrar e conhecer melhor a realidade dinâmica, na qual os diferentes espaços estão inseridos social e culturalmente; dando a visibilidade as relações sociais que contribuem para uma formação humana, para a aprendizagem de todas as pessoas que as vivenciam; mostrando a caminhada de uma escola que vem se constituindo e se organizando na perspectiva de transformar as práticas e ações junto com o seu entorno como objetivos iniciais tornaram-se grandes reflexões acerca do próprio processo pedagógico e metodológico que se realiza neste contexto.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Maurício. **O princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade**: Paulus, 2002.

AURÉLIO, Dicionário do. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/Comunidade> <http://www.dicionariodoaurelio.com/Comunidade> Acesso em 15 de nov de 2011.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2007.

COSTA, Rogério da. **Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva**. Interface - Comunic, Saúde, Educ, v.9, n.17, p.235-48, mar/ago 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n17/v9n17a03.pdf> Acesso em: 15 de nov de 2011.

DIAS, Romualdo. Prefácio. In: ABDALLA, Maurício. **O princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade**: Paulus, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Pedagogia da conscientização. Um legado de Paulo Freire à Formação de Professores**. 3ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. 1. ed. São Paulo : Publisher Brasil, 2007.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. 2ª ed. Belo Horizonte : Autêntica, 2008.

GREENPEACE. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/quemsomos/> Acesso em: 09 de jul de 2012.

JUNIOR, Paulo Ghiraldelli.(Trad). **Epistemologia**. In: Grayling, A C. Epistemology. Bunnin and others (editors); The Blackwell Companion to Philosophy. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers Ltd, 1996. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos/teses/FILOSOFIA/Artigos/Epistemologia.pdf> Acesso em: 15 de nov de 2011.

LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

LEVISCHI, Beatriz. De portas abertas para sociedade. **Revista Nova Escola**. Publicada em agosto de 2008. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/portas-abertas-sociedade-427924.shtml> Acesso em: 15 de nov de 2011.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagens na Educação e na Política**. Trad: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 3ª reimpressão: 2002.

MOLL, Jacqueline. **Reinventar a escola dialogando com a comunidade e com a cidade - Novos Itinerários Educativos**. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/artigos/reinventar-a-escola-dialogando-com-a-comunidade-e-com-a-cidade-novos-itinerarios-educativos>> Acesso em: 29 de out de 2009.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____, **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. Tradução: Sandra TrabuccoValenzuela. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2003.

_____, **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução: Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya. 10 ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2005.

PRAXEDES, Walter. **A diversidade humana na escola: A diversidade humana na escola: reconhecimento, multiculturalismo e tolerância**. Revista Espaço Acadêmico, nº 42, nov 2004, mensal. ISSN15196186. Ano IV. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/042/42wlap.htm> Acesso em: 15 de nov de 2011.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2008. SICREDI. **Programa a União Faz a Vida: Formando Educadores**. Coleção de Educação Cooperativa, vol.3. Porto Alegre: Fundação SICREDI, 2008.

TORRES, Rosa Maria. **Comunidades de Aprendizagem: a educação em função do desenvolvimento local e da aprendizagem.** Disponível em: <http://www.teresianasstj.net/files/met/Comunidade_de_Aprendizagem.pdf> Acesso em: 26 de out de 2009.

VILARINHO, Sabrina. **Semântica.** Brasil Escola. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/portugues/semantica.htm> Acesso em: 15 de nov de 2011.

Rosa Maria. **Illustratus.** Disponível em: <http://blogillustratus.blogspot.com.br/2011/10/m-c-escher.html> Acesso em: 05 de julh de 2012.